

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO

JANNAINA CALIXTO DE LIMA

DIÁRIO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL

VITÓRIA
2020

JANNAINA CALIXTO DE LIMA

**DIÁRIO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

Dissertação e produto apresentados ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo para obtenção do grau de Mestre em Educação na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Gomes

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

L732d Lima, Jannaina Calixto de, 1973-
Diário de uma contadora de histórias : um estudo
fenomenológico existencial / Jannaina Calixto de Lima. - 2020.
82 f. : il.

Orientador: Vitor Gomes.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Fenomenologia existencial. 2. Arte de contar histórias. 3.
Educação infantil. 4. Professores - Formação. I. Gomes, Vitor. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III.
Título.

CDU: 37

JANNAINA CALIXTO DE LIMA

**DIÁRIO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

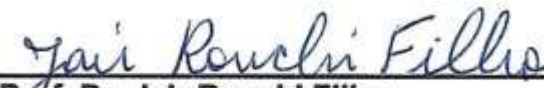
Dissertação e produto apresentados ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para o grau de Mestre em Educação na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar.

Aprovada em 03 de agosto de 2020.

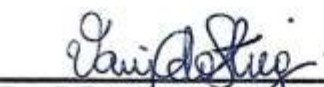
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vitor Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Prof. Dr. Jair Ronchi Filho
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Interno



Prof. Dr. Vanildo Stieg
Instituto Federal do Espírito Santo
Membro Externo

À minha avó materna, Luzia (*in memoriam*),
que todas as noites, antes de dormir, contava-
me uma história, um conto ou um causo
assombroso. Eternas saudades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a vida, e a cada dia me ensina a caminhar contando histórias.

Ao meu orientador, prof. Dr. Vitor Gomes, sempre presente, dando-me liberdade de fruição e, com tanto carinho, chamando-me de filha, mesmo sendo tão novo... Meu muito obrigada!

À minha mãe, tão querida, pelos inúmeros esforços para que eu pudesse estudar e pelos biscoitinhos de polvilho, que tanto amo.

Ao meu esposo, José Pereira, que sempre me deu apoio em todos os desafios à minha frente.

Aos meus filhos, Guilherme e Isabela, por entenderem minhas ausências, mesmo estando em casa. Amo vocês!

Às minhas amigas/irmãs Eliana Reis e Nilcéa Elias pela força, amabilidade e tantos cafés filosóficos para me fazer chegar até aqui.

A todos os amigos (de coração) que me fazem acreditar que posso ir mais além. Em especial, à tia Eni França (amiga e colega de trabalho), que me ensinou a arte de ser educadora.

Aos meus professores doutores nesta universidade, os quais fazem parte desta história: Erineu Foerste (por me desafiar a contar a primeira história para as crianças), Jayme Doxsey (pela inquietação provocada na disciplina de Psicologia, em que aprendi a amar Carl Rogers), Jair Ronchi (pelo apoio e incentivo na bolsa em um projeto de Extensão desenvolvido em uma “Casa de Passagem”), Terezinha Schuster (pela humildade, palavras, abraços tão sinceros e pelo sapatinho... aí tem uma história), Iguatemi Rangel (pelas inúmeras horas de estudos ao meu lado) e Fabiano Moraes (por seu encantamento na arte de contar histórias).

À professora Dra. Carmem Debenetti, que me encorajou a voltar a escrever, exercício que me tem feito muito bem, muito obrigada.

Aos professores/colegas que compuseram comigo esse caminho da docência.

Aos professores doutores do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) que me ensinaram a debruçar na leitura, conduzindo-me a novas descobertas.

Aos colegas de mestrado profissional que, nesse tempo tão difícil e ímpar em nossas vidas, nunca largaram a mão de ninguém. Obrigada Turma 02 – Resistência.

À Secretaria de Educação pelo apoio, incentivo e liberação para que esse tempo de estudo e pesquisa pudesse ser o mais disponível possível.

Aos contadores de histórias pelos contos, recontos e encantos.

À professora Alina Bonella, que com tanto carinho fez a revisão desta pesquisa. Gratidão!

Às crianças pequenas e grandes, fonte desta pesquisa, que ouviram minhas histórias nas andanças pelo mundo. Vocês são minha inspiração.

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino que carregava água
na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira era o
mesmo que roubar um vento e sair correndo com
ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar
espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre
orvalhos.
A mãe reparou que o menino gostava mais do
vazio do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e
esquisito porque gostava de carregar água na
peneira.

Com o tempo descobriu que escrever seria o
mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as
palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro
botando ponto final na frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma
chuva nela.

O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios com as suas
peraltagens e algumas pessoas vão te amar por
seus despropósitos.

Manoel de Barros

RESUMO

Este estudo objetiva desvelar fenomenologicamente as memórias, vivências e práxis docentes por meio de reflexões, registros e narrativas particulares dos espaços/tempos em imbricamento com a arte de contação de histórias. Busca intercambiar a contação de histórias como prática criativa e potente na formação continuada de professores da educação infantil por meio do desvelamento dos modos de ser em seus entrelaçamentos. Em termos de fundamentação teórica, está pautado nos conceitos de redução fenomenológica e intuição das essências de Forghieri (2002), na escuta empática de Rogers (ROGERS; ROSENBERG, 1977) e nas contribuições de memórias e narrativas de Benjamin (1984, 1994). Para tanto, adota o método da suspensão fenomenológica de Gomes (2004, 2015), bem como o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo de Forghieri (2002). Faz uso de instrumentos, como o diário de campo, relatos de memórias e versão de sentido evidenciando aspectos relativos ao “lugar de fala”, suas vivências e as contribuições nas práticas docentes. Nesse percurso, o método fenomenológico existencial busca compreender, por meio desta pesquisa fenomenológica-eidética, a vivência de uma contadora de história. Como considerações finais, sinaliza que o lúdico, pela arte da contação de histórias, potencializa as práticas docentes, sobretudo na educação infantil, e favorece os processos de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Contação de histórias. Pesquisa fenomenológica. Educação infantil.

ABSTRACT

This objective study describes phenomenologically the memories, experiences and teaching praxis through reflections, records and particular narratives of the spaces/times in which there is intertwining with the art of storytelling. It seeks to exchange storytelling as a creative and powerful practice in the continuing education of early childhood teachers through the unveiling of the ways of being in their intertwines. In terms of theoretical foundation, it is based on the concepts of phenomenological reduction and intuition of essences by Forghieri (2002), in Rogers' empathetic listening (ROGERS; ROSENBERG, 1997) and in the contributions of Benjamin's memories and narratives (1984, 1994). To do so, it adopts the method of phenomenological suspension by Gomes (2004, 2015), as well as the existential involvement and reflective distance of Forghieri (2002). It makes use of instruments, such as the field diary, reports of memories and version of meaning showing aspects related to the "place of speech", their experiences and contributions to teaching practices. Along this path, the existential phenomenological method seeks to understand, through this phenomenological-eidetic research, the experience of a storyteller. As final considerations, signs that playfulness, through the art of storytelling enhances teaching practices, especially in early childhood education, and favor in teaching-learning processes.

Keywords: Storytelling. Phenomenological research. Child education.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Contando histórias num Cmei.....	49
Fotografia 2 – Zé da Hora.....	50
Fotografia 3 – Chico Perguntador.....	50
Fotografia 4 – Silencionildo.....	51
Fotografia 5 – Mala d’Ajuda e fantoches.....	51
Fotografia 6 – Objetos concretos.....	53
Fotografia 7 – Participação com contação de histórias em seminário na Ufes.....	54
Fotografia 8 – Participação com contação de histórias em seminário num município.....	54
Fotografia 9 – Evento aberto.....	55
Fotografia 10 – Reunião de pedagogos numa Secretaria Municipal.....	55
Fotografia 11 – O “Pequeno Príncipe” na Jordânia.....	56
Fotografia 12 – Apresentação com fantoche na Jordânia.....	56
Fotografia 13 – Fantoches Rutinha e Leo na Jordânia.....	56
Fotografia 14 – Participação num sarau.....	57
Fotografia 15 – Contação de histórias numa formação de rede municipal.....	57
Fotografia 16 – Contação de histórias por meio de literatura numa formação de rede municipal.....	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA/QUESTÃO DA PESQUISA	13
1.2	JUSTIFICATIVA	13
1.3	OBJETIVO GERAL	13
1.4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
2	CAMINHOS TEÓRICOS	15
2.1	A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E A INTUIÇÃO DAS ESSÊNCIAS	15
2.2	A ESCUTA EMPÁTICA	16
2.3	MEMÓRIAS E NARRATIVAS	19
3	O CAMINHO METODOLÓGICO	21
3.1	O MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE PESQUISA	21
3.2	DESCRIÇÃO GERAL DA PESQUISA E INSTRUMENTOS PARA A COMPREENSÃO DO FENÔMENO	24
4	BREVE REVISÃO DE LITERATURA	26
4.1	UMA REFLEXÃO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	26
5	ENCONTROS E IMBRICAMENTOS: O LUGAR DE FALA	37
5.1	EXPERIÊNCIAS EIDÉTICAS DE SENTIDO: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	40
5.2	CONTEXTOS PROFISSIONAIS COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	44
6	CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: VIVÊNCIAS QUE PULSAM EM MIM	47
6.1	VIVÊNCIAS E INSTRUMENTOS DE TRABALHO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS	48
6.2	SENTIDOS-SENTIDOS DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS	59
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
8	PÓS-ESCRITO: A CONSTRUÇÃO DO PRODUTO A PARTIR DA PESQUISA	66
	REFERÊNCIAS	69
	APÊNDICE A – ROTEIRO DAS VIDEOAULAS	72

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é, portanto, criar, brincar. O narrador brinca e cria ao contar; o ouvinte brinca e cria ao ouvir. E a história brinca e cria ao permitir-nos dizer e desdizer coisas sobre o indizível. Ela brinca com o narrador e com o ouvinte, permite que brinquemos todos juntos com as palavras.

Fabiano Moraes

A prática da contação de histórias perpassa a alma, contagia, encanta e abre caminhos para o pensar ao léu, solta e desprendidamente. Permite o acesso à imaginação, a viagem, muitas vezes, a lugares mais obscuros, podendo mesmo resolver conflitos da própria alma. Possibilita atingir um alvo sem que nele se tenha mirado. É um verdadeiro chamado à reflexão.

Trata-se de uma arte que envolve memória, lembranças, oralidade e, por vezes, uso de materiais concretos que ajudam no envolvimento do que se pretende despertar. É uma prática que faz parte da tradição de muitos povos e que, comumente, é passada de geração a geração. Tem como possibilidade despertar nos ouvintes e não ouvintes (pois a contação de histórias possui vários meios de expressão) sensações que podem ajudar na interação com o outro, proporcionando sentidos.

Nessa linguagem expressiva do momento que aquieta, inebria os olhares, provoca sentidos e nos faz viajar no tempo, nos sentimentos, buscando desvelar algo que muitas vezes se encontra escondido ou parado em algum canto, vi-me¹ afetada pela arte da contação de histórias. Por isso minha trajetória como professora foi intensamente permeada por essa prática, de maneira singular, nas experiências potentes do encontro com o outro. Por esse viés de sentido e pertencimento, acredito que a contação de histórias se constitua em um recurso de grande valor e com potencial inesgotável dentro do processo de ensino-aprendizagem realizando pontes lúdicas, sensoriais e de compreensão de nós mesmos e do outro.

¹ Em alguns momentos do texto, uso a primeira pessoa do singular, sobretudo para relatar minhas experiências e imbricamentos na pesquisa. Para referenciar o estudo em corporeidade com outras vozes, opto pela primeira pessoa do plural.

Dessa forma, esta pesquisa se propõe a desvelar as memórias, vivências e práxis docentes, por meio de reflexões, registros e narrativas dos espaços/tempos em imbricamento com a arte de contação de histórias.

Para isso, sob inspiração da abordagem fenomenológica, a pesquisa se dedicou a “relembrar” e “compreender”, a partir de outro tempo e espaço, minha relação particular com a contação de histórias. Nesse sentido, houve um investimento intertemporal para o regaste de memórias e, assim, apresentação de suas relações com essa prática aqui em evidência.

No segundo momento e a partir dos dados advindos da etapa anterior, considerando o caráter “praxista” do Mestrado Profissional, produzimos quatro videoaulas com duração média de três a quatro minutos acerca de concepções teóricas utilizando a linguagem da contação de histórias, recurso para uso dessa prática como possibilidade de vivenciar conceitos e/ou para promover “alívio lúdico”² dentro dos contextos de sala de aula e/ou práticas na docência humana.

Nosso intuito foi compartilhar material audiovisual acerca de concepções de teóricos da fenomenologia e suas contribuições para o espaço/tempo escolar, possibilitando seu acesso “universal” em mídia social dentro de linguagem lúdica. Sua postagem foi realizada no canal do Grupo de Pesquisa de Fenomenologia na Educação³ no *youtube*. Gpefe Ufes no link abaixo:

https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq_AcHD5A

Por último, é necessário esclarecer que não se faz uma pesquisa fenomenológica para intervir, uma vez que seu viés é de observação, descrição e compreensão. Contudo, é possível a utilização de dados de uma pesquisa fenomenológica para interferir e/ou produzir instrumentos que atendam ao viés ativista e transformador de determinada realidade.

Em síntese, o percurso se organiza em dois momentos: o primeiro deles (não interventivo) composto por uma pesquisa fenomenológica, com início, meio e fim; no

² Momentos lúdicos impulsionados pelo prazer de contar e/ou ouvir histórias.

³ Grupo de pesquisa do qual faço parte.

segundo, fundamentada em dados e conclusões deste estudo, construímos videoaulas a partir de “um clima” de contação de histórias.

1.1 PROBLEMA/QUESTÃO DA PESQUISA

Como se desvelam as memórias e vivências particulares com a prática da contação de histórias?

1.2 JUSTIFICATIVA

A contação de histórias possibilita compreender os processos formativos de professore(a)s da educação infantil, auxiliando-os na busca de novas práticas docentes de maneira mais inventiva e criativa. Aqui entendemos que ela pode ser explorada e potencializada como prática educativa que proporciona desenvolvimento da aprendizagem, abrindo novas possibilidades de contribuir com o fazer docente.

Portanto, pensar os modos de ser professor na educação infantil, sobretudo, por meio da fenomenologia e seu viés humanista e vivencial, permitirá trazer transformações positivas em suas práticas. Assim, ensejamos que esta pesquisa, a partir do seu viés compreensivo dessa abordagem, contribua para desvelar práticas docentes mais potentes, pensadas no coletivo, nas vivências e experiências do e com o outro, utilizando o lúdico, o artístico e o prazeroso como possibilidade de ensino(s)-aprendizagem(ns).

Nesse percurso, o método fenomenológico existencial contribui na perspectiva de pensar sobre si e sobre o outro, a partir de vozes, memórias e de narrativas autocompreensivas que se propõem imergir no universo particular, desvelando os modos de ser em seus entrelaçamentos.

1.3 OBJETIVO GERAL

Observar e descrever fenomenologicamente falas/memórias e vivências particulares com a contação de histórias.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Estabelecemos para este estudo os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever nossa trajetória, considerando histórias, vivências e práxis com a contação de histórias;
- b) compreender, por meio de pesquisa fenomenológica-eidética, memórias e narrativas e seus imbricamentos com nossa práxis docente;
- c) construir, como produto educacional, videoaulas com conceitos de teóricos da fenomenologia em diálogo com a linguagem da contação de histórias.

2 CAMINHOS TEÓRICOS

Na pesquisa, como em toda obra de arte, a segurança se produz na incerteza dos caminhos. Aqui também muito tempo se perde e muitas angústias se acumulam à procura de um método adequado e seguro. É como enfiar-se numa camisa de força por medo da livre-expressividade, como engessar membros que melhor se fortaleceriam no livre-exercício. Se os caminhos se fazem andando, também o método não é senão o discurso dos passos andados, certamente muito pertinente para a certificação social do trabalho concluído, mas de pouca serventia para a orientação do que se há de fazer.

Mario Osorio Marques

Os passos andados foram nos dando pistas de como este estudo podia ser realizado, delineando sua trajetória. Um deles foi a participação no Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação (Gpefe), na Ufes, fundamental para a escolha da abordagem pela qual guiamos este estudo.

Dito isso, esta pesquisa, no que diz respeito à fundamentação teórica, está pautada nos conceitos de redução fenomenológica e intuição das essências de Yolanda Forghieri (2002), na concepção de escuta empática, de Carl Rogers (ROGERS; ROSENBERG, 1977) e nas memórias e narrativas, de Walter Benjamin (1984, 1994). A seguir, discorreremos mais amplamente sobre cada um desses fundamentos. Contudo, uma vez que o método fenomenológico se propõe uma abertura perceptiva em frente aos fenômenos, adiantamos que outros imbricamentos de cunho teórico poderão emergir a partir da imersão na pesquisa.

2.1 A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E A INTUIÇÃO DAS ESSÊNCIAS

O conceito de redução fenomenológica e a intuição das essências baseia-se na busca de encontro das essências, ou seja, aproximando-se o mais possível do fenômeno. Ressalta Forghieri (2002, p. 15) que “[...] a redução é o recurso da Fenomenologia para chegar ao fenômeno como tal, ou à sua essência [...]”. A redução fenomenológica possibilita compreendermos situações e significados, evidenciando atitudes e proporcionando uma reflexão das vivências cotidianas, bem como possíveis mudanças.

Explica a autora que a redução não se constitui em “[...] uma abstração relativamente ao mundo e ao sujeito, mas uma mudança de atitude – da natural para a fenomenológica – que nos permite visualizá-los como fenômeno [...]” (FORGHIERI, 2002, p. 15), reforçando, nesse processo, a importância de, na observação, estarem juntas a intuição e a significação, dando sentidos à existência.

O caráter autobiográfico de Forghieri (2002), sobretudo quanto às influências teórico-filosóficas que a inspiraram, auxilia-nos a pensar a vivência, o existir humano, diante da qual constato o quanto essa pensadora tem me afetado, trazendo à tona reflexões sobre vivências, por exemplo, minhas memórias de infância e a influência que recebi da narrativa e da contação de histórias.

A partir dessa constatação, os conceitos trazidos por Forghieri (2002) contribuem para pensarmos as vivências e o sentido de ser docente na educação infantil, buscando desvelar, nas vozes desses sujeitos, a essência do existir humano. Podemos compreender essas vivências pelas descrições das memórias dos professores e narrativas a partir da contação de histórias, buscando por meio da redução fenomenológica nos aproximarmos da essência do fenômeno e perceber o sentido de ser docente.

2.2 A ESCUTA EMPÁTICA

Escutar tem sido, hoje, um enorme desafio. Na verdade, muitos sons são ouvidos. O barulho é constante à nossa volta, embora não nos atentemos para distinguir quais vozes o produzem. Elas vêm de todos os lados, chocam-se em todas as dimensões e, por vezes, dissipam-se sem terem sido percebidas, sem terem sido alvo de escuta em sua dimensão de poder. Poder de uma voz tocar o outro, de dar sentidos por onde passa, de provocar outros sons/movimentos e entrelaçamentos.

Em tempos em que as pessoas vivem o imediatismo da contemporaneidade, ter atitudes de esperar o outro falar, de ouvir e buscar se apropriar dessas vozes expressas em vivências e experiências, trocas, dores, angústias, alegrias,

acontecimentos tantos, realmente, tem sido uma arte⁴ esquecida e que precisa ser apreendida.

Em sua obra e no seu trabalho como psicólogo, Carl Ransom Rogers dedica-se a compreender as relações que envolviam o ser humano. Um de seus conceitos mais importantes é a escuta empática, a qual está circunscrita a um conjunto de posturas que, pontuava Rogers (1997), eram fundamentais para o bom desenvolvimento de seus pacientes. Posteriormente, suas constatações foram aplicadas em outros campos de atuação, como a Administração, a Medicina e a Educação.

Segundo sua proposta, à qual ele não dá o nome de teoria, mas “um jeito de ser”, a autenticidade ou congruência é o ponto de partida para alguém que queira promover uma relação que possibilite o crescimento positivo do ser humano. Essa atitude se expressa pela forma de a pessoa demonstrar transparência e ser verdadeira, procurando transpor com naturalidade o que realmente está sentindo e pensando. A segunda atitude é a aceitação incondicional, representada pela demonstração de confiança no outro, como forma positiva de aceitação do outro, independentemente do que ele está sendo.

Por fim, a empatia é o terceiro aspecto fundamental na abordagem de Rogers (1997), que pontuava a compreensão do outro, a tentativa de deslocamento do eu para o lugar do outro, como se fosse o outro, atentando para o fato de que, se jamais podemos ser o outro, podemos demonstrar abertura ao que o outro traz consigo.

A escuta empática, portanto, pauta-se pelo respeito e ausência de julgamentos, uma atitude compassiva pelo que o outro está sendo, possibilitando, assim, um ambiente favorável às mudanças e melhorias de comportamentos e personalidades.

Em “Tornar-se pessoa”, obra que deu a Rogers (1997) o status de psicólogo mundialmente reconhecido, embora ele mesmo não esperasse tal fato, o autor explica a influência da escuta empática, argumentando que a experiência de ouvir o outro empaticamente, participando de suas experiências, pode produzir mudanças no modo como a pessoa vê e se vê, pois permite ampliar sua habilidade de comunicação, possibilitando transformações positivas em sua autoestima. Postula o autor: “[...] se

⁴ Arte como uma habilidade e pensada no sentido de algo essencialmente humano e que pode, portanto, ser desenvolvido.

posso proporcionar um certo tipo de relação, o outro descobrirá dentro de si mesmo a capacidade de utilizar aquela relação para crescer, e mudança e desenvolvimento pessoal ocorrerão” (ROGERS, 1997, p. 7), por exemplo, valorização de si e também do outro.

É importante sublinhar que, no Brasil, esse conjunto de conceitos de Rogers ficou conhecido como abordagem centrada na pessoa, classificada, ainda, como abordagem não diretiva. Contudo, precisamos compreender, sobretudo, que as atitudes que ele delineia como fundamentais às relações humanas positivas estão baseadas em um conceito que as fundamenta, a tendência atualizante, cerne de seu pensamento (ROGERS; ZIMMING, 2010).

Conforme Rogers postula, tal tendência estaria presente não apenas nos seres humanos, mas também em qualquer organismo vivo, traduzindo-se pela ideia de que todos os seres vivos se orientam pelo desenvolvimento positivo. Entretanto, para de fato ocorrer, esse crescimento está na dependência das atitudes mencionadas pelo pensador. Portanto, vemos em Rogers a demonstração de confiança no ser vivo, independentemente da forma como ele venha a se mostrar (ROGERS; ZIMMING, 2010).

A valorização do humano, a promoção de autoconceitos positivos e a afetividade são princípios-base para esta pesquisa que, a partir da escuta empática e por meio da contação de história, pretende compreender como se desvelam as memórias, as narrativas e os imbricamentos com a prática docente.

Permeado por memórias e narrativas das experiências vivenciadas em momentos de contação de histórias em diversos tempos/espacos, portanto, este estudo lança mão desta prática em composição com a escuta ativa, o que, conforme acreditamos, pode nos possibilitar abertura à reflexão sobre as práxis docentes em momentos de formação continuada.

Aliada ao encontro com o outro, a escuta ativa é elemento que potencializa o ser que está em processo de “tornar-se pessoa”, ou em processo de tornar-se docente da educação infantil, o qual é um *continuum* que talvez possa ter tido seu início lá, na infância, nos primeiros anos de vida, mas que não se conclui, estendendo-se por toda a trajetória daquele que escolheu ocupar esse lugar.

2.3 MEMÓRIAS E NARRATIVAS

No processo de pesquisa, encontramos gatilhos que evocam pensamentos e questionamentos pelos quais passamos na fase de escrita. Ao procurarmos um autor que estabelecesse diálogo com a contação de histórias pela via das memórias e narrativas, Walter Benjamin pode ser definido como um achado que veio iluminar nosso caminho.

Nossa compreensão é que o tempo histórico em que transcorre esta pesquisa parece se aproximar do tempo e do contexto em que esse pensador frankfurtiano relata as tensões e incertezas pelas quais passava quando escreveu a obra da qual nos apropriamos para discorrer sobre os conceitos de memórias e narrativas. Os sentimentos gerados pelas tensões de hoje são semelhantes e, em alguns momentos, parecem ainda mais fortes em relação aos que transbordam pela escrita de Benjamin.

De início, lançamo-nos sobre “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, originalmente escrita em 1936, logo, em tempos de II Guerra. Ali Benjamin (1994) mostra um contexto um tanto difícil, com tons de desesperança, em meio ao qual o filósofo faz um retorno ao passado, trazendo lembranças, talvez querendo encontrar um fio que o conduzisse a algo em que pudesse se apoiar.

Diante das tensões e incertezas que envolveram a guerra registrada por Benjamin, a prática da narrativa se ausenta entre os então soldados que retornavam, o que se reflete na dificuldade de darmos voz à história e prosseguir na construção de um conhecimento que não se faz sem a propagação das experiências narradas e vividas.

Em meio a essa experiência silenciada dos soldados da II Guerra, Benjamin (1994, p. 114) assim indaga:

[...] que foi feito de tudo isto? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado hoje por um objeto oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência? [...].

Para Benjamin (1994, p. 198), a oralidade tem o poder de atravessar muros, irromper, ir além, levando os conhecimentos trazidos por aqueles que viajam pelo mundo, como o comerciante retratado em sua obra, pois “[...] quem viaja tem muito que contar”. Contudo, quem fica, conforme o autor, também tem muito a narrar de suas tradições.

No entanto, Benjamin (1994), no seu tempo, alerta para o fato de que essa prática de narrativa estava fadada ao desaparecimento, em função da reprodução da informação pela indústria cultural. Se, no século passado, sem ter vivenciado o surgimento das tecnologias de informática e os avanços por ela gerados, essa era sua sentença, esse risco se torna muito mais forte hoje, pois, como observou o autor,

[...] na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Diante das inúmeras demandas a que somos submetidos hoje, observamos o quanto se intensificou o desaparecimento dessa prática nos meios e relações sociais que se estabelecem no cotidiano. Notamos o apreço pelo que é imediato, a necessidade de comunicação objetiva, sem aprofundamento... Tempos de resultados esperados a qualquer custo, de apreciar informações que são mais próximas à realidade vivida, distanciando-se do conhecimento que vem de longe, que perpassou outros entrelugares, outros mundos. Como registra Benjamin (1994, p. 202) em um de seus exemplos:

[...] 'para meus leitores', [Leskov] costumava dizer, 'o incêndio num sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madri'. Essa fórmula lapidar mostra claramente que o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos.

Desse modo, a reflexão promovida pelo autor sublinha a importância de explorarmos as narrativas como forma de expressão de sentido, de vida, de essência do humano em seus processos socioculturais e nas práticas educativas, pensadas e refletidas pelos professores da educação infantil como potencializadoras de compreensão de suas práxis docentes.

3 O CAMINHO METODOLÓGICO

Caminhante, são teus passos
O caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
Se faz caminho ao andar.
Ao andar se faz o caminho,
E ao voltar a vista atrás
Se vê a senda que nunca
Se voltará a pisar.

Antonio Machado

Sim, ao andar se faz o caminho e, nele, muitas voltas poderão ser dadas. Muitos percursos refeitos, outros rumos tomados, mas tudo será feito ao andar: ora ao andar com outros, ora sozinha, ora em encontros, ora em desencontros, em acertos, em erros, sempre ao andar...

Nesse caminho que já se faz, algumas ideias foram se juntando a outros pensamentos e novos delineamentos. Assim, neste capítulo, pretendemos discorrer sobre os caminhos metodológicos que alimentaram esta pesquisa.

3.1 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE PESQUISA

A fenomenologia tem seus registros datados a partir do início do século XX, com as obras editadas por Edmund Husserl, influenciado por filósofos como Franz Brentano, Wilhelm Dilthey e Friedrich Hegel. Sua concepção de humano se distanciava do positivismo da época.

Os pensadores dos quais temos nos apropriado nesta pesquisa, a partir de Husserl, formularam novos postulados de cunho fenomenológico, dando continuidade aos estudos daquele que é considerado o pai da fenomenologia. Um desses pesquisadores é Jean Paul Sartre, filósofo francês que postulou a máxima existencialista de que “a existência precede a essência”.

Em síntese, a fenomenologia busca a compreensão das coisas, aquilo que se apresenta pelos sentidos, aquilo que se manifesta, visando ao desvelar da sua essência. Seu conceito está intrinsecamente ligado à compreensão do humano, ao sentido das coisas, ao fenômeno.

Como método de pesquisa, a fenomenologia é permeada pelo olhar do pesquisador, que busca desvelar os sentidos e os significados, distanciando-se o mais possível nessa captura da essência. Como ressalta Gomes (2004, p. 57):

[...] a fenomenologia, como método, é uma forma de fazer ciência que compreende a humanidade/humanização de uma pesquisa científica, estando ela também influenciada pela formação ideológica do pesquisador, apesar de visar à essência dos fenômenos, para o qual busca a *époché* (afastamento).

Ao propormos a realização de uma pesquisa de cunho fenomenológico, precisávamos nos ater ao processo de compreensão requerido por esse método de pesquisa, o qual se evidenciou em sua natureza qualitativa e no vivido no cotidiano, permitindo protagonismos e aproximações do real pelos sujeitos nelas envolvidos.

A fenomenologia objetiva desvelar o que está a emergir no momento das vivências e no tempo em que elas ocorrem e vão se delineando. Explica Forghieri (2002, p. 18) que a reflexão fenomenológica vai em direção ao “mundo da vida”, ao mundo da vivência cotidiana imediata, no qual todos nós vivemos, temos aspirações e agimos, sentindo-nos ora satisfeitos, ora contrariados.

Nesse sentido, apropriamo-nos da defesa que esta autora faz sobre a importância da reflexão, da busca do que é vivido, experienciado na existência humana. Temos em mente “[...] retornar à experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como este se constitui no próprio existir humano” (FORGHIERI, 2002, p. 59).

Para tanto, essa reflexão precisou ser realizada também pelo pesquisador, possibilitando-lhe o trabalho de captar os significados mais próximos da essência. No entanto, suspendeu, em certo tempo, os conhecimentos que já adquiriu, proporcionando, assim, a redução, a retirada de pre(conceitos), podendo depois de avaliar a sua vivência, analisar as vivências de outros.

Nesse processo, Binswangner (apud FORGHIERI, 2002, p. 60) pontua que, “[...] embora cada um de nós apresente peculiaridades relacionadas ao próprio modo de existir, também somos seres humanos semelhantes existindo num mesmo mundo; é esta estrutura comum que nos possibilita compreendermo-nos uns aos outros”.

Dentro desse enfoque, a autora considera dois momentos, inter-relacionados e reversíveis, para que a redução fenomenológica aconteça: um é designado como envolvimento existencial e, nele, o pesquisador põe em suspensão seus conhecimentos, obtidos pela vivência, sobre o que está investigando, para, então, adentrar e experimentar o momento, podendo experienciá-lo intensamente, de forma harmônica.

Forghieri (2002, p. 60) pontua:

[...] o pesquisador precisa iniciar seu trabalho procurando sair de sua atitude intelectualizada para se soltar ao fluir de sua própria vivência, nela penetrando de modo espontâneo e profundo, para deixar surgir a intuição, percepção, sentimentos e sensações que brotam numa totalidade, proporcionando-lhe uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, dessa vivência.

Um outro momento é chamado de distanciamento reflexivo, o qual surge após adentrar a vivência e nela se envolver. Nesse momento, o pesquisador alcança uma compreensão, buscando, para tanto, certo distanciamento para refletir sobre os dados obtidos sobre o fenômeno e, assim, descrever o significado, o sentido daquela vivência no seu existir. Entretanto, esse distanciamento não é total, pois o pesquisador precisa estar ligado a essa vivência para obter maior proximidade com a própria vida cotidiana.

A partir do conceito de suspensão, o pesquisador almeja o distanciamento de conceitos previamente definidos (GOMES, 2015), propondo, em um primeiro momento, a descrição literal das vivências para, posteriormente, buscar sua compreensão. Esses passos procedimentais contribuem para a experientiação do fenômeno tal como ele se mostra no que é visível, na existência.

Dessa forma, a definição dos passos utilizados para a compreensão do fenômeno, bem como o que se depreendeu a partir dos dados produzidos ocorreram ao longo da pesquisa e provocaram futuras compreensões, alimentadas pelo processo inicial de observação permeado pela percepção (MERLEAU-PONTY, 2011).

Feita essa exposição, podemos dizer que a pesquisa fenomenológica aqui proposta objetivou desvelar a essência⁵ na existência, que aqui se personificou a partir da descrição das memórias e narrativas particulares com a prática de contação de histórias.

O método fenomenológico, embora único e com concepções basilares, possui uma variedade de formas de execução (FORGHIERI, 2002). Nesse sentido, utilizamos o método fenomenológico de Gomes (2004, 2015) que abrangeu características como aproximação em alguns momentos e uma certa suspensão em outros; por vezes, momentos de imersão e, por vezes, de redução, para possibilitar variadas e extensivas análises. Esse movimento, dentro dos aspectos fenomenológicos, “[...] admitiu o rompimento da dualidade sujeito-objeto” (GOMES, 2004, p. 56).

Nesse entendimento, embora na pesquisa fenomenológica busquemos a suspensão, há uma relação que perpassa seus movimentos e que carrega um pouco de nós. Afinal, somos sujeitos carnaís (MERLEAU-PONTY, 2011). Portanto, o que buscamos nesse processo é minimizar os efeitos de conhecimentos previamente estabelecidos, fazendo uso da observação descritiva, do desvelamento de unidades de significado, percebido, às vezes, em falas e gestos, e da compreensão do fenômeno.

3.2 DESCRIÇÃO GERAL DA PESQUISA E INSTRUMENTOS PARA COMPREENSÃO DO FENÔMENO

Neste estudo buscamos evidenciar as vivências de uma contadora de histórias por meio de uma pesquisa fenomenológica eidética lançando um olhar compreensivo sobre suas memórias e narrativas dos diversos espaços/tempos em que se apropriou dessa prática.

Para tanto, desvelar e compreender as experiências vividas nos contextos de formação de professores(as) da educação infantil por meio da arte de contação de histórias mostrou o sentido-sentido que emerge das narrativas que evocam a curiosidade, a inventividade, a criatividade contida nessa prática repleta de significados.

Para compreensão do fenômeno desta pesquisa, fizemos uso: do **diário de campo**, instrumento para registro de informações, no qual serão descritas memórias e

⁵ Fenômeno como tal, voltar às coisas mesmas, *eidos*, essência pura, conceito existencialista de essência, segundo Husserl (apud FORGHIERI, 2002).

informações importantes para a realização da compreensão do fenômeno; de **relatos de memórias**, nos quais elencamos lembranças, vivências cotidianas e entrelaçamentos com a contação de histórias (registradas no diário de campo e/ou num aparelho gravador de voz) ; e da **versão do sentido**, que se trata de anotações e/ou relato de uma experiência/memória a partir de seu impacto imediato que foram registrados no diário de campo e/ou gravador.

Destaca Forghieri (2002, p. 63):

[...] um dos requisitos básicos da pesquisa fenomenológica diz respeito à maneira como é obtido o seu material de estudo, pois, devendo este ser constituído de relatos espontâneos e sinceros do sujeito sobre a sua vivência, alguns cuidados devem ser observados para que as informações por ele fornecidas sejam claras, autênticas e próximas de sua experiência imediata.

Assim, tão logo as memórias se desvelaram, buscamos registrá-las por meio dos instrumentos mencionados, de maneira a obtermos maior aproximação com o real, com o vivido, permitindo o autolançamento no processo de pesquisa. Compreendemos, portanto, cada etapa como fundamental para a imersão e suspensão nos momentos que se fizeram necessários.

Dessa forma, nossos instrumentos estão imbricados de significados, de experiências, de práxis, de sentido que, ao se desvelarem, foram dando forma, trazendo novas e possíveis reflexões.

4 BREVE REVISÃO DE LITERATURA

Tendo os assuntos definidos, como requerer uma pesquisa à diferença de possíveis outros escreveres, conversar agora é preciso.

Mario Osorio Marques

Chegou a hora de conversarmos com outros que estão nesta caminhada imbricada de afetos, memórias, narrativas, vivências e buscam práticas que potencializem as ações do humano, em especial, daquele que se faz ser docente em seu cotidiano. Hora, portanto, de diálogos e entrecruzamentos com pesquisas e olhares, consubstanciando este estudo por saberes construídos até aqui.

Para isso, é preciso traçar um caminho, observar as trajetórias dos que já trilharam esse percurso, permeado de encantamentos, percalços, angústias, desafios, de tesouros escondidos em estantes largas das bibliotecas, de escritos entre os amigos com os quais, muitas vezes, viajamos juntos (quase que literalmente) em tapetes mágicos.⁶ Além disso, inúmeras visitas foram realizadas àquele que chamamos de amigo virtual, o inseparável “computador” – seria esse o que “computa a dor de criar”? Em alguns momentos, talvez... Mas... Vamos adiante ver o que nos contam essas buscas.

4.1 UMA REFLEXÃO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Em uma de suas obras, o escritor Fabiano Moraes (2012, p. 14) traz à luz as distinções temporais e culturais presentes na contação de histórias, essa arte laboral da linguagem que tem longa história:

[...] desde os tempos mais longínquos o ser humano conta as suas histórias: caçadas, conquistas, encontros, desencontros, lendas, fábulas, causos, anedotas... Enfim, muita coisa vem sendo narrada a cada dia há milênios, nos mais diversos recantos da terra, em inúmeras línguas e dialetos, por pessoas de culturas distintas, cada uma expressando uma visão de mundo própria e singular que torna a produção do mundo verbalizado um evento único e original. A esse evento chamarei narração ou ato de contar histórias.

⁶ “Tapete Mágico” (2004-2007) foi um curso realizado em Vitória/ES, no espaço de brinquedos e brincadeiras artesanais de Jeroen Peijneinburg e Valéria Márcia Roseiro, do qual muitos amigos meus participaram e contribuíram para a minha identidade de contadora de histórias.

O escritor, portanto, anuncia a beleza da diversidade e a força simbólica da representação da oralidade de um povo ou de um determinado local, sublinhando distintas formas de dar continuidade à sua construção social e histórica.

Ao pensarmos sobre os estudos que se relacionam com o tema desta pesquisa, buscamos, primeiramente, pesquisas que envolvessem a contação de histórias no contexto da educação infantil, tendo como ponto de reflexão a formação continuada de professores, suas vivências e memórias da infância.

Tendo isso em mente, a busca para compor a revisão de literatura se iniciou pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), primeiramente pelos descritores: **contação de história, formação de professores e educação infantil.**

Com o intuito de dialogar sobre a temática e subsidiar este estudo, investigamos pesquisas já realizadas e que pudessem fomentar o conhecimento desenvolvido sobre a temática da contação de histórias. Portanto, buscamos realizar um recorte espaço-temporal estabelecendo como ponto inicial o ano de 2009⁷ e ponto final 2019. Sendo assim, este tópico enseja apresentar estudos e suas compreensões a partir de dados extraídos do BDTD.

O resultado causou surpresa por duas razões: o número de trabalhos (16), dos quais consideramos apenas seis pertinentes à temática aqui tratada⁸ (Quadro 1), e o fato de que a autoria, em sua totalidade, era de mulheres. Seria essa questão de cunho geracional e próprio da maternidade?

Após esse primeiro levantamento, buscamos direcionar ainda mais o foco, revisitando o BDTD, utilizando, desta vez, os descritores **contação de história e fenomenologia**, com os quais foi retornada apenas uma dissertação recente, de 2014 (Quadro 2).

⁷ A escolha do período de 2009 se deu por considerar esse espaço-tempo como inicial para a construção do documento que nortearia a educação infantil e que, em 2010, culminou com a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs).

⁸ Refiro-me à formação de professor da educação infantil em imbricamento com a contação de histórias.

Quadro 1 – Levantamento de pesquisas acadêmicas I

Título	Ano	Instituição	Categoria
“Educação infantil e contação de histórias: memórias e práticas”, de Claudia Belardinelli da Rosa	2007	Universidade Vale do Rio Sinos (Unisinos)	Mestrado
“A relevância da dimensão estética no ensino: uma experiência de professoras em formação no projeto de contação de histórias”, de Maria da Graça Chabalgoity do Nascimento e Silva	2009	Unisinos	Mestrado
“Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores”, de Ana Cláudia Ramos	2011	Universidade Estadual de Londrina	Mestrado
“Contação de histórias: seguindo o curso das águas”, de Kelly Cristine Ribeiro	2014	Universidade Federal da Bahia	Mestrado
“Leitura e contação de história na educação infantil: um estudo sob a perspectiva da teoria histórico-cultural”, de Mariana Sampaio	2016	Universidade Estadual Paulista (Unesp)	Mestrado
“Enlaces entre educação e cultura nos processos de formação humana no contexto da educação infantil”, de Ticiane Santiago de Sá	2016	Universidade Federal do Ceará	Doutorado

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 2 – Levantamento de pesquisas acadêmicas II

Título	Ano	Instituição	Categoria
“Contação de histórias: abrindo possibilidades para a expressão”, de Bruno Henrique Labriola Misse	2014	Unesp	Mestrado

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Assim, partimos para a leitura e um breve panorama dessas pesquisas buscando pistas que nos aproximassem da temática de contação de histórias como práticas docentes potentes na educação infantil.

Encontramos, nas leituras dos resumos, trabalhos que se reportam ao campo desta pesquisa e que abordam a formação de professores em composição com a contação de histórias. Com essas pesquisas buscamos dialogar sobre os processos educativos que dão visibilidade à temática aqui explorada. Assim, durante a busca e a análise dessas pesquisas, procuramos evidenciar a contação de histórias como prática potente e criativa no processo de formação de professores da educação infantil.

Partimos, então, para a leitura aprofundada dos resumos e das demais partes das pesquisas que abordavam o que queríamos evidenciar neste estudo. Aos poucos, essa análise apresentou uma divergência de sentidos dada pelos autores sobre a contação de histórias que aqui queremos delinear.

Embora essas pesquisas selecionadas possuíssem alguns dos descritores selecionados, pudemos perceber, ao longo da leitura e exploração delas, que pouco se aproximavam da contação de histórias nos processos de formação continuada de professores como práticas inventivas e criativas.

Dessa forma, para descrever cada uma, faremos um breve levantamento dos tópicos que julgamos importantes destacar porque favorecem o diálogo com nossa pesquisa, e também promovem a problematização dos estudos que aqui propomos.

A primeira pesquisa, “Educação infantil e contação de histórias: memórias e práticas”, ressalta o papel da professora como contadora de histórias na educação infantil e traz levantamentos sobre os motivos que levam a essa prática de contação de histórias. As memórias das professoras ajudariam na argumentação de tal prática? A contação de histórias estaria adquirindo significado nos cursos de formação de professores?

Esses questionamentos dialogam com o nosso estudo no que se refere às memórias e narrativas de professores. Essa primeira pesquisa foi realizada no Curso de Formação de Magistério que ainda existia em 2007.

Vale ressaltar que, nesse contexto, a prática de didáticas voltadas a essa temática ainda era bem explorada nos Cursos de Formação de Magistério. Com a implantação dos programas de licenciaturas em Pedagogia e seus currículos, tais práticas foram extintas dando lugar a saberes acadêmicos mais conteudistas e um pouco distanciados das práticas tão criativas, como a exploração do lúdico e da literatura infantil vivenciadas outrora.

A conclusão desta pesquisa é que as professoras ouviram histórias na infância e essa experiência foi positiva e ficou guardada em suas memórias. As professoras acreditam que a contação de histórias auxilia no desenvolvimento integral das crianças bem como na aquisição dos conteúdos. Os cursos de formação de professores valorizam a contação de histórias, porém articulada à dimensão do conteúdo (inter)disciplinar, o que se torna um questionamento para uma futura pesquisa.

Importante, portanto, destacar que o estudo traz também a contação de histórias, principalmente nos contos infantis, como resolução de conflitos:

Há mais de duas décadas Bruno Bettelheim nos alertava em seu livro *A Psicanálise dos Contos Infantis* (1980), sobre as enormes possibilidades de apreensão e reelaboração do universo infantil por meio da simbologia dos contos de fadas. Segundo ele, todos os conflitos humanos ali circulam e são resolvidos através da fantasia, coerente com a forma do pensamento infantil [o que experiencio em vários momentos de contação de histórias] (BELARDINELLI, 2007, p. 13).

Prosseguindo a leitura, a segunda pesquisa, “A relevância da dimensão estética no ensino: uma experiência de professoras em formação no projeto de contação de histórias”, é fundamentada na abordagem da investigação qualitativa e busca, a partir da compreensão das acadêmicas do 7º semestre do Curso de Pedagogia, com o “Projeto de contação de histórias: uma interlocução do imaginário infantil”, direcionado à dimensão estética, contribuir na formação de futuras professoras. Fizeram parte dessa pesquisa seis participantes, por meio de entrevistas semiestruturadas, cujos resultados evidenciaram a significação da experiência proposta pelo projeto, indicando a sua relevância para a compreensão das alunas, bem como a possibilidade de formar professores mais reflexivos.

Esta pesquisa se apropriou de teóricos como Tardif (2006), Freire (1987, 2000), Nóvoa (1995), Assmann (1998), Bettelheim (1976), entre outros que auxiliaram na interpretação dos dados.

Assim, contribuiu para o olhar da contação de histórias como prazer estético, pela dimensão filosófica e compreensão do percurso histórico, como destaca Silva (2009, p. 26):

Retomando a dimensão estética na sua concepção filosófica, na tradição grega e, mais recentemente em Kant e Hegel, percebo a importância da compreensão desse percurso histórico [e aí a autora traz o percurso da contação de histórias desde a Antiguidade]. Em termos educacionais, essa concepção de juízo estético se tornou importante na medida em que se constitui na apreciação ou valorização que fazemos sobre algo, ou seja, o julgamento que emitimos sobre determinada situação ou fenômeno.

Assim, podemos conceber a importância da contação de histórias como momentos de interlocução entre os sujeitos e suas formas de existir no mundo. Entretanto, foi uma pesquisa realizada na formação de professores ainda estudantes no Curso de Pedagogia e não como proposta na formação continuada, como o estudo aqui se apropria.

A terceira pesquisa, “Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores”, trata da verificação dos efeitos das narrativas orais, ou seja, dos possíveis decorrentes da contação de histórias para a formação de alunos-leitores, observando *se e como* o desempenho do professor, durante a contação de histórias, influencia o interesse dos alunos pela leitura.

É uma pesquisa também de caráter investigativo-qualitativo desenvolvida em um ambiente escolar com alunos do 2º ano do ensino fundamental elucidando a transição brusca da educação infantil para esse nível de ensino. Os resultados desta pesquisa demonstram que a contação de histórias é mais uma estratégia fundamental na formação do leitor, favorece o enriquecimento do processo educacional e elucida a constituição de sujeitos críticos e reflexivos, o que preconizamos, neste estudo como práticas do desenvolvimento integral da criança.

A quarta pesquisa, intitulada “Contação de histórias: seguindo o curso de suas águas”, aborda a movência dos contos de tradição oral e da prática a eles associada – a contação de histórias – das culturas orais e populares num ambiente escolar, trazendo a análise de como a escola acolhe essa prática. De cunho qualitativo e com a utilização de instrumentos de entrevistas semiestruturadas, buscou retratar a tradição e a contemporaneidade do ato de contar.

Essa pesquisa foi elaborada em duas etapas, na primeira, elucida os teóricos da cultura nos campos da linguagem e educação enredados com um acervo de entrevistas realizadas aos contadores de histórias tradicionais de Burkina Faso (África) e do interior da Bahia e suas territorialidades.

Busca aportes teóricos como Walter Ong, Paul Zumthor, Peter Burke, Bakhtin e outros de referências que dialogam com a oralidade.

Na segunda etapa, trata do ambiente escolar analisando os discursos orais e escritos de sete professoras da educação básica acerca da contação de histórias e seus usos em sala de aula.

Vale destacar que cinco dessas professoras desenvolveram, em 2012, suas monografias com entrelaçamentos com o tema contação de histórias, o que serviu de análise de dados para este estudo e revelou o conto e a contação de histórias não

apenas como fruição estética, mas também como política que se reflete na escola. Destaca, ainda, que a formação de público-leitor e as práticas narrativas orais são colocadas em um lugar de menor importância, o que vimos nas demais conclusões dos estudos analisados.

Dando continuidade às análises, a quinta pesquisa, “Leitura e contação de história na educação infantil: um estudo sob a perspectiva da teoria histórico-cultural”, tem como objetivo compreender se há indícios de que os momentos de leitura e contação histórias se constituem como atividades capazes de motivar aprendizagens promotoras de desenvolvimento humano, em turmas de crianças da educação infantil, a partir de princípios e teses da teoria histórico-cultural, teoria na qual a pesquisa é embasada, como ressalta a pesquisadora:

O processo de desenvolvimento humano não é, conforme evidenciado nas proposições de Vygotski (1995), mecânico e nem progressivo. Trata-se de processo dialético, efetivado mediante relações entre as pessoas e delas com os objetos da cultura, as quais possibilitam a superação de momentos do desenvolvimento (SAMPALIO, 2016, p. 51).

Percebemos mais uma vez a relevância da contação de histórias como promotora no processo de desenvolvimento humano, pois permite explorar o imaginário, dar voz e vez aos sujeitos e promover o enriquecimento cultural por meio dessas relações.

No tocante à metodologia, a pesquisa possui um levantamento bibliográfico e produção de dados em campo com quatro professoras de quatro turmas (de regiões diferentes num interior paulista) de crianças de cinco anos de escolas públicas de educação infantil sobre as práticas de leitura e contação de histórias, entre abril e setembro de 2015. Além disso, outros instrumentos de produção de dados compõem a metodologia, como entrevistas semiestruturadas com as quatro professoras, sessão de observações de suas práticas e análise de documentos – seminários ocorridos.

Quanto à conclusão, os resultados apontaram a aparente ausência de planejamento e organização das propostas de leitura e de contação de histórias, revelando práticas engessadas ao cumprimento de conteúdos curriculares, desconsiderando a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem, proporcionando, assim, formação de ouvintes e não leitores.

Ainda tratando de pesquisas indicadas no Quadro 1, temos a última, denominada “Enlaces entre educação e cultura nos processos de formação humana no contexto da educação infantil”.

Esta pesquisa (única tese dos sete trabalhos levantados para análise de dados) buscou analisar o papel das interações sociais e das práticas culturais desenvolvidas pelas professoras e crianças de três turmas do Infantil III de duas creches na rede pública de Fortaleza. Fundamentou-se nas teorias de Lev Vygotsky (1984, 1995), Freire (1981, 1987, 1993), Walter Benjamin (1984, 1986, 1994) e Michel de Certeau (1994), referenciando a educação e a cultura como processos intrínsecos, mediados, cotidianos, simbólicos e reflexivos dos sujeitos no mundo.

A metodologia pautada nos referenciais da pesquisa histórico-cultural de natureza colaborativa utilizou-se de registros em diários de campo, fotografias e filmagens das interações sociais dos envolvidos em suas rotinas nas creches. Além disso, foram realizadas três oficinas de fotografia com as crianças (uma em cada turma pesquisada).

Este estudo apontou marcas de desigualdades sociais no acesso e na problematização da cultura pelos sujeitos em seu cotidiano. As principais dificuldades indicadas pela maioria das professoras pesquisadas foram: pouca compreensão do potencial político-pedagógico e sociocultural das interações sociais desenvolvidas pelas crianças e seus pares; os desafios para compreender e fomentar o trabalho com as diferenças; e a revelação de processos de exclusão social entre as crianças.

Houve também pontos positivos destacados na pesquisa, como: a valorização das práticas culturais, o que foi um diferencial nas formações desenvolvidas; a autonomia das crianças; e a valorização dos laços de cuidado, afeto e ludicidade.

Entretanto, constatamos, ao final, a indicação da necessidade de investimentos em políticas públicas e práticas sustentáveis, continuadas e dialógicas para incentivar a formação sociocultural das crianças e das profissionais da educação infantil.

Por fim, a análise da última pesquisa (indicada no Quadro 2) contém o descritor **fenomenologia**, que dialoga com nosso estudo. Trata-se de uma dissertação defendida em 2014, de caráter qualitativo e com a abordagem na fenomenologia,

buscando compreender como a expressão do aluno revela possibilidades de ser aluno em aula de Matemática.

No entanto, a pesquisa adotou a contação de histórias para o desenvolvimento das tarefas pelo seu caráter comunicativo, em encontros realizados com um grupo do 6º ano de uma escola da rede estadual de ensino, num município de São Paulo. Os encontros foram gravados e analisados seguindo o rigor da pesquisa fenomenológica.

Baseada na concepção heideggeriana de ser-no-mundo, a autora foi abrindo possibilidades de interpretações dos dados levando a duas categorias abertas: os modos de o aluno se mostrar “pro-jetado” (modo como o aluno se dispõe para as tarefas de aula) e os modos de ser aluno em aulas de Matemática (vão revelando as formas pelas quais esses alunos estão com a Matemática, interrogando e compreendendo o conteúdo).

Desses levantamentos e análises, podemos constatar que poucos são os trabalhos desenvolvidos no tocante à prática da contação de histórias na formação continuada dos professores da educação infantil, principalmente no que tange à exploração da ludicidade, da importância das narrativas para a continuidade de saberes culturais e do prazer pelo ato de narrar.

Assim, observamos pouco uso da ludicidade, embora esse tema tenha sido destacado como um dos princípios estéticos das DCNEIs, documento que legisla sobre essa etapa de ensino: “[...] estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2010, p. 16).

Desse modo, a formação continuada de professores(as), principalmente na educação infantil, por ser essa a primeira etapa da educação básica, precisa, nesse contexto de mudanças tão intensas da sociedade brasileira, ter em seu cerne uma inquietação, uma constante busca por inovações, por uma educação de parceria, de lutas e engajamentos em que o trabalho coletivo ganhe força e as práticas possam ser cada dia mais inventivas e potentes. A contação de histórias visa a explorar essa inventividade que, por vezes, deixamos de lado. Traz à reflexão alternativas de como podemos melhorar a práxis docente.

Assim, refletir e reinventar, por meio do fazer pedagógico com o outro, pelas leituras e formação continuada que subsidiam a prática docente, é um caminho possível de possibilitar essa formação no contexto da escola pública, bem como de cooperar para práticas criativas e o desenvolvimento de sujeitos críticos.

Embora não seja nosso propósito fazer o levantamento dos teóricos aqui em evidência e os das pesquisas analisadas, vale ressaltar que apenas uma dialoga com os escritos de Walter Benjamin.

Apresentados os contextos das pesquisas do BDTD, gostaríamos de evidenciar que a temática requer maiores estudos e aprofundamentos, pois tem muito a contribuir para uma práxis docente mais criativa e de significados para todos que dela se apropriem.

Além de estudos circunscritos a programas de mestrado e doutorado no Brasil, fomentam esta proposta de investigação outras pesquisas, identificadas a partir de estudos e leituras que vinham norteando a trajetória desta contadora de história, dando pistas para compor a temática nos tempos vividos no contexto de formação continuada de professores da educação infantil.

Principalmente no Estado do Espírito Santo, diversos autores têm se debruçado sobre a contação de histórias. Entre eles, destaca-se Gerlin (2015), cuja tese culminou na construção de três livros, a saber: “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”, “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes” e, por fim, “Modelo de rede colaborativa baseado nas competências em informação e narrativa”. Esse material configura-se como de extrema relevância para a temática abordada na presente pesquisa, ajudando-nos a pensar a contação de história no contexto da educação infantil.

A temática da investigação aqui proposta pode receber contribuições, ainda, de Abramovich (1991), que retrata a importância de se contar histórias para as crianças, seja pelos pais, seja pelos professores. Beth Coelho (1986), por sua vez, faz uma explanação sobre essa arte, esclarecendo o que é necessário para sua prática, independentemente do espaço em que ela ocorrer. Assim, destaca, por exemplo, a

importância de se atentar a elementos relacionados com a voz, sua tonacidade e interferências e objetos utilizados durante a contação.

Além disso, Moraes e Gomes (2012) nos inebria com a potência dos olhares, das vozes e palavras que uma história pode proporcionar, em suas narrativas descritas por célebres contadores de histórias, encantando aqueles que dela se apropriam, como descreve:

[...] suas vozes estão presentes nesses olhares. Os olhares do contador de histórias contemporâneo aqui presentes visam ('visar' nos sugere visão) conduzir-nos além. São, portanto, olhares que sussurram, encantam e contam, indissociáveis das vozes neles contidas que nos sugerem imagens, que nos levam a ver, a imaginar (GOMES; MORAES, 2012, p. 12).

Que novas narrativas possam ser escritas, lidas, contadas, evidenciadas pelos olhares de novos adeptos dessa arte tão encantadora que é a contação de histórias.

5 ENCONTROS E IMBRICAMENTOS: O LUGAR DE FALA

Pensei em falar um pouco sobre o fio de histórias que une uma geração a outra. E pensei também em começar contando uma cena da vida real, ilustrando o jeito como esse fio tem me ajudado a costurar um caminho de contadora de histórias. Posso começar? Então: É começo de noite, no centro da minha cidade.

Gilka Girardello

Sim, é um começo de noite, de dia, de um novo caminho percorrido até aqui por tantos outros e, quiçá, outros tantos virão...

Um(a) contador(a) de histórias⁹ diria que é quase impossível iniciar uma fala, uma história, sem contextualizar sua própria história, seu lugar de fala. Assim, faço uma breve introdução para contar que a história desta pesquisadora está imbricada com tantas outras histórias que vêm se delineando em seu caminhar. Como ressalta Marques (2001, p. 101),

[...] não é o pesquisador mero convidado, nem um simples articulador de conversas alheias, nem árbitro de uma partida de futebol. O tema o chama às falas por primeiro. Não pode deixar de conversar consigo mesmo e com os outros. Não pode ele, aliás, conversar produtivamente com os outros, sem antes, muito e o tempo todo, conversar consigo mesmo. Queira ou não, estará a todo o momento palpitando: pelo que é e pelo que pensa, pelo que aprendeu na e da vida, pelo que já conhece do tema e, sobretudo, por seu interesse em dele mais e melhor aprender, por seu compromisso social de assumir como seu o texto que vai produzir [...].

Dessa forma, na narrativa que segue, busco conversar sobre os entrelaçamentos entre o meu EU pesquisadora e a pesquisa que proponho realizar.

Penso que minha trajetória acadêmica começou quando tinha apenas quatro anos de idade e insistia em estudar no “jardim de infância” da minha cidade natal (Mantena, interior de Minas Gerais). Recordo-me dos choros em volta das “irmãs de caridade”, freiras responsáveis pelo “jardim”, e de minha mãe pedindo que fizessem apenas uma experiência, uma vez que a idade mínima era de seis anos, o que, por fim, aconteceu. Ali minha “curta experiência” se estenderia por dois anos. Até hoje, é um local que visito sempre que posso, para lembrar os tempos maravilhosos em que brinquei na

⁹ Aqui, refiro-me ao narrador ou contador de histórias como o agente que (re)produz o texto na forma oral (MORAES, 2012).

quadra de areia, nos brinquedos do parque espalhados pela grama verdinha, a casinha de boneca que, antes, parecia tão grande, e hoje não mais me comporta... Olhares de criança, intensidade nas emoções – mais adiante, discutiremos sobre esse olhar dimensional da criança – coisas que, às vezes, como adultos, perdemos...

Essas lembranças das quais não me esqueço me afetaram para a vida, potencializaram meus passos. Passos que me levaram a cursar a graduação em Pedagogia nesta universidade e me permitiram bons encontros e oportunidades de estar ao lado de professores, pesquisadores, mestres, doutores, pessoas que, de fato, fazem parte desta história entrelaçada e narrada nas linhas que se seguirão. São encontros que me constituíram como narradora da vida, das vivências com e para o outro.

Esses momentos foram experienciados, por exemplo, quando fui monitora na Casa de Passagem “Maria da Penha Guzzo”, sediada no bairro Ibes, Vila Velha/ES, sob a orientação do professor Dr. Jair Ronchi Filho, durante o período de outubro de 2001 a dezembro de 2002, ainda quando era estudante de graduação. Lá atuei ao lado da professora da Casa de Passagem com projetos de leitura, já fazendo uso de diversos materiais visuais: histórias em flanelógrafo, gravuras, materiais reciclados, transparências e musicais que eram apresentados às crianças que passavam algum tempo naquele espaço.

Começava, nessa experiência, um processo de aquisição de recursos que chegavam até mim por meio de alguns cursos e oficinas de caráter pedagógico e espiritual de que eu participava. Hoje eles compõem um enorme arquivo de histórias (com) o qual posso contar (haja espaço para tantas histórias!).

Além disso, desde 2000, venho experienciando um trabalho voluntário ou remunerado na área de liderança, capacitação de professore(a)s que trabalham com crianças em diversas instituições religiosas, bem como em formações continuadas (estudos coletivos, planejamentos, encontros, seminários, oficinas e palestras) que ocorrem na Secretaria Municipal de Educação (Sedu) da Serra/ES, onde atuo compondo com esses sujeitos a partir da contação de história – arte que aprendi e desenvolvi ao longo das vivências em vários espaços/tempos – bons e potencializadores encontros.

Quanto à minha escolha e identificação com a educação infantil, acredito que se deva a um trabalho orientado pelo professor Dr. Erineu Foerste na disciplina de Português (conteúdo e metodologia), no 6º período, quando ele solicitou à turma que apresentasse uma história para a educação infantil por meio de recursos visuais, com base no livro de Betty Coelho, “Contar histórias: uma arte sem idade”. Ao realizar essa atividade numa sala de Pré III do Centro Municipal de Educação Infantil (Cmei) Darcy Castello de Mendonça (Goiabeiras, Vitória/ES), descobri esse mundo maravilhoso de rostinhos ávidos pelo “saber” e, a partir daí, comecei a me encantar com a contação de história, inicialmente, para esse público.

Ao terminar a graduação, no fim de 2002, fui morar em Ecoporanga, no norte do Espírito Santo, onde fui convidada a fazer parte da equipe de professores de uma rede particular de educação infantil, atuando como professora (Maternal, Nível I, II e III e 1º ano) até 2009, tempo em que vivenciei a contação de histórias de forma muito viva em minhas práticas.

Nesse período, fui aprovada no concurso do município e comecei a fazer parte da equipe da Secretaria de Educação, como coordenadora pedagógica da educação especial. Nessa função, atuei em formações de professores até janeiro de 2013, quando fui aprovada em um concurso de outro município.

Desde então, sou professora efetiva de séries iniciais na Serra/ES, atuando desde março de 2017 como assessora pedagógica da educação infantil na Sedu/Serra. Nessa função, pude ampliar as ações e, a partir das trocas de experiências, possibilitar uma nova composição com os profissionais, colaborando nos diversos tempos/espços nas formações de professores.

Além disso, sou contadora de história e, por meio de palestras, relato essas vivências em espaços (escola, Cmei, igreja, asilo e aniversários) que envolvam a educação como bem comum, utilizando, entre outros recursos, fantoches, fantasias, histórias visuais e metáforas.

Assim, venho compondo, nessa trajetória, encontros que potencializam novas vivências e experiências nesses espaços. A partir disso emerge a constatação da necessidade de um movimento mais intenso de pesquisa e exploração do tema que envolve a formação continuada do(a)s professore(a)s que atuam na educação infantil,

como possibilidade de ampliar o fazer docente por meio da arte da contação de histórias, literatura, oficinas, dinâmicas, entre outros movimentos, como o resgate das memórias e narrativas com os sujeitos envolvidos.

5.1 EXPERIÊNCIAS EIDÉTICAS DE SENTIDO: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Refletir sobre a contação de histórias é, particularmente, revisitar memórias que estão latentes em minha trajetória, vivida em boa parte no contexto do interior de Minas Gerais, nas rodas de conversa ao lado das enormes fogueiras com muita história. Configura-se, dessa forma, como uma experiência eidética de sentido, cuja aplicação, neste trabalho, tem o intuito de desvelar vivências (HOLANDA, 2003) dos professores a partir de suas infâncias, destacando as implicações do vivido para suas práticas.

Assim...

Tudo começou lá nas rodas de conversas, muitas vezes, à luz de uma lamparina ou daquela fogueira que tanto nos fascinava. Os cantos, os causos, as prosas, as contações de histórias pelos adultos cada vez nos deixavam um gostinho de “Conta outra vez!”.

Aos poucos, essas vivências foram deixando marcas que apontaram os caminhos. A escolha da profissão (ser professora) e, nela, a necessidade de um aprofundamento, de uma especialização (a educação infantil), vendo, então, a oportunidade de continuar fazendo fluir muito do que experimentei na infância: a oralidade, os repertórios linguísticos, a imaginação, o lúdico, o prazer em sentir, experimentar, pegar, narrar, enfim, trocar as experiências vividas em tempos tão distintos.

Ser professora em diferentes etapas de ensino (educação infantil, ensino fundamental e médio) me permitiu, aos poucos, perceber que não há separação de idade para a exploração da arte de contação de histórias, que encanta quem a experimenta ou a vivencia. Sobre isso, Moraes (2012, p. 40) explicita que,

[...] ao narrarmos, construímos no nosso imaginário os sons, as imagens, os cheiros, os sabores e as percepções táteis relacionadas aos ambientes da mesma. Podemos entrar na casa que criamos, andar pela estrada que construímos em nossa imaginação, sentir frio, fome, sabores, cheiros, escutar os pássaros cantando, um grito distante, o estrondo de um trovão [...].

Contar histórias é uma experiência que vivencio em outros espaços além do nível da educação escolar básica, perpassando minha atuação, também, na educação superior, seja em aulas na graduação, seja na pós-graduação, seja em processos de formação continuada para professores de educação infantil, na qual lanço mão da arte de contação de histórias como prática inventiva e criativa.

Assim, revisitar os tempos vividos na minha trajetória acadêmica têm ativado sentimentos de pertença relacionados com essa temática. São tempos de engajamento em lutas e apostas por uma educação pública de qualidade, que possa abarcar a todos, independentemente de classe, raça ou gênero. Adicionalmente, a continuidade da formação humana, obtida em maior tempo como professora, permitiu-me a oportunidade de refletir sobre a formação continuada de professore(a)s com o desejo de nela me aprofundar a partir desta pesquisa.

Notadamente, em 2017 e 2018, desenvolvi, como assessora pedagógica da educação infantil de uma rede de ensino municipal, um trabalho que tem me provocado a refletir sobre a prática e formação continuada dos professores e, ainda, sobre a proximidade dessas práticas com o olhar da criança, de modo que esta seja, de fato, protagonista do processo de ensino-aprendizagem.

Refletir sobre essa proximidade em processos formativos é, como ressalta Freire (1996, p. 29), de fundamental importância, uma vez que “[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando”.

Situada agora em um contexto em que, além de professora, estou, formalmente, também no exercício da função de pesquisadora, sinto-me afetada diante da possibilidade de trocas nos contextos de formação de professores e provocada a dialogar sobre a importância da reflexão a partir da contação de histórias. Como pontua Pimenta (2012, p. 23), professores vivenciam, ao mesmo tempo, duas situações:

[...] constroem um repertório de experiências que mobilizam em situações similares (repetição), configurando um conhecimento prático. Estes, por sua vez, não dão conta de novas situações, que colocam problemas que superam o repertório criado, exigindo uma busca, uma análise, uma contextualização, possíveis explicações, uma compreensão de suas origens, uma problematização, um diálogo com outras perspectivas, uma apropriação de teorias sobre o problema, uma investigação, enfim.

A partir dessa ótica, fica perceptível o quanto a prática de contação de histórias pode ser potente para promover a postura de reflexão nesse ser que está se constituindo professor e, mais especificamente, professor da educação infantil.

A fenomenologia, por sua vez, contribui para pensarmos elementos do vivido que influenciam o processo por meio do qual um profissional se torna professor, pois, conforme Andrade e Holanda (2010, p. 263) “[...] o mundo vivido [...] propicia ao pesquisador ir além do conteúdo meramente intelectual e alcançar o conteúdo afetivo-emocional, que é específico para uma determinada pessoa ou grupo”.

Coelho (2002, p. 10) relata que passou “[...] a observar também a reação dos adultos, incluindo os idosos, em variadas ocasiões. A história faz todos sorrirem, a aula passa a ser uma divertida brincadeira – e gente grande volta a ser criança”. Em consonância com a autora, notamos que os momentos de formação continuada nos quais a contação de histórias é desenvolvida abrem possibilidades de vivenciar/revisitar experiências das infâncias vividas pelos sujeitos ali presentes. Isso porque um conto, um poema, uma música e ou uma história (narrada ou lida) permitem o resgate de memórias que elucidam variadas escolhas feitas no caminho até o exercício da profissão docente.

Falando de memórias afetivas...

A comunicação me toca profundamente. Sou amante das palavras, das perguntas, do que se pode dizer, abrir, provocar, falar. No exercício formal da atividade de pesquisa, no âmbito do Mestrado Profissional em Educação, fui provocada a escrever. Em meio a isso, às vezes me pego a pensar: o que pode uma leitura? Qual potência possui uma história bem contada na vida do outro?

O processo de pesquisa move-me a ler com intensidade e me provoca a refletir sobre os atravessamentos e motivações na vida. Assim, ao escrever me pus a pensar o que me afeta nesse processo de ser pesquisadora. As perguntas que acabo de destacar me saltaram aos olhos, envolveram-me pela alma, de modo que, então, passei a refletir sobre os primeiros momentos de leituras que vivi lá na minha infância.

Logo, avistei-me deitada no canto da cama da minha avó materna que, todas as noites, contava uma história, um conto, um causo. Enquanto lia para mim, instigava-

me com uma voz que exalava conhecimento. Ao lhe perguntar sobre como ela sabia tanta coisa, ela sempre respondia: “De ouvir meus pais contarem...”. Lembro-me de que sua leitura não era com tanta destreza, mas continha em si uma doçura inigualável...

Considero que esses momentos são como luzes, pistas, que me indicaram um caminho em busca por saciar aquelas inquietações da infância que até hoje me acompanham em minha trajetória. A primeira delas poderia ser convertida na seguinte questão: quais os sentidos-sentidos¹⁰ uma contação de história pode evocar? Pus-me a refletir e eis aqui um pouco desse devaneio, perpassado de muitas lembranças e memórias que fizeram de mim uma amante das palavras, das histórias, das leituras, dos encontros, da comunicação, das pessoas.

Uma leitura de história significa uma potência alimentadora de sentidos, quando realizada por alguém por quem temos afeto. Penso no poder da afetividade quando alguém lê algo que, ao mesmo tempo, provoca sentimentos, desperta para atitudes, promove aprendizados e permite ao leitor se envolver, ser tocado, atravessado pela vivência e experiência com o outro. Ressalta Larrosa-Bondía (2001, p. 2) que “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Um conto ou uma história é capaz de nos transportar a lugares, vivenciar situações inusitadas, aventuras tantas, explorar a imaginação, sair da dureza do viver humano, provocar, deslocar, retomar e, e, e – para lembrar o recurso deleuziano – tantos movimentos e transformações que não caberiam em papeis.

Um caso nos traz aquele pinguinho de medo, de constrangimento, um friozinho na barriga... constrange. Por ora, assusta-nos, mas também nos orienta, causa estranhamentos e proporciona certos entendimentos e compreensões do cotidiano. Os conhecimentos experimentados pelas gerações e repassados são a forma de

¹⁰ AmatuZZi (apud GOMES, 2008, p. 77) esclarece que “[...] toda a experiência é, acima de tudo, uma experiência de sentido, e dentro de toda experiência vivida existe uma apropriação individual do que é presenciado. Esse é o sentido-sentido. Trata-se do sentido pessoal que imprimimos à experiência vivenciada”.

darmos sentidos à nossa existência, de transferir os conhecimentos adquiridos pelos nossos antepassados, dando continuidade à propagação da cultura.

Assim, uma conversa, um diálogo, uma contação de histórias podem desencadear diversas possibilidades que vão traçando laços e nos conduzindo nesse caminho da vida, compartilhando ideias, conceitos, informações, experiências, permitindo-nos a aproximação com a essência da vida humana, o existir com/para o outro.

Nesses tempos de frequentes e intensos avanços tecnológicos, viver requer de nós pensar estratégias para manter uma tradição que é inerente à própria formação humana, o encontro com o outro, a relação, por meio da narrativa e da memória. Uma rica possibilidade nesse sentido é o investimento de tempo em boa conversa, diálogo, contando àqueles com quem convivemos o legado que recebemos de nossos antepassados, histórias que afetam e nos ajudam a refletir sobre as transformações tão rápidas e avassaladoras a que estamos sendo submetidos.

5.2 CONTEXTOS PROFISSIONAIS COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O município onde atuo na formação de professores conta com um espaço de formação continuada para profissionais da rede municipal de Educação, denominado Centro de Formação, e mantém um grupo de profissionais responsáveis pela organização dos processos formativos em diversas áreas.

Recentemente, em um novo espaço, o Centro de Formação conta com laboratório de informática, biblioteca com bom acervo de livros, secretaria, auditórios, salas para estudos e setores administrativos, todos com acessibilidade. Trata-se de espaço onde são oferecidos cursos com o apoio de instituições e pesquisadores parceiros, como a Ufes e o Instituto Federal do Espírito Santo, objetivando a melhoria na prática docente, elevando, assim, a qualidade da educação no município.

Ao longo de 2017 e 2018, estive envolvida no processo formativo de professores nesse espaço, participando de momentos de formação continuada para os professores e pedagogos da educação infantil. Foram experiências formativas nas quais lancei mão da contação de histórias como forma de reflexão sobre as práticas docentes. Vem daí meu interesse em compreender melhor como essa ferramenta

pode contribuir/dialogar no processo de formação de um docente com postura reflexiva.

Externamente ao Centro de Formação, os profissionais de educação da rede municipal também são envolvidos em experiências de formação continuada no espaço das próprias escolas, mais especificamente, durante o período de planejamento, em que os docentes se organizam em espaços/tempos de estudos coletivos e individuais. Particpei de alguns desses momentos, compondo, com a contação de histórias, saberes e conhecimentos interligados às necessidades de cada escola.

No contexto profissional em que me encontro inserida, pude perceber o quão potente e inovadora – embora se trate de uma prática tão antiga – se mostra a contação de histórias para abordar, nas formações continuadas, temas ligados ao ensino-aprendizagem. Pela inventividade imaginativa, ela chama os professores a estabelecer conexão com o vivido, com a realidade, o que, como pontua Freire (1996, p. 136-137), no relato a seguir, precisa ser a base que sustenta o processo educativo:

[...] certa vez, numa escola da rede municipal de São Paulo que realizava uma reunião de quatro dias com professores e professoras de dez escolas da área para planejar em comum suas atividades pedagógicas, visitei uma sala em que se expunham fotografias das redondezas da escola. [...] Um pouco atrás de mim dois professores faziam comentários em torno do que lhes tocava de perto. De repente, um deles afirmou: 'Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante todos estes anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?'.

Os momentos vivenciados no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, seja no Centro de Formação, seja nas escolas, constituíram-se em experiências nas quais, como docentes, pudemos pensar a formação e práxis docente a partir dos diálogos entre os professores, por meio da abertura da contação de histórias. A partir dessa prática, buscamos entender a realidade em que a escola estava inserida, o contexto social dos sujeitos envolvidos, bem como as histórias de vidas/narrativas de cada professor, para, a partir disso, pensar alternativas e práticas docentes que realmente promovam uma reflexão mais criativa e potente.

Aplicada a esses contextos, a contação de histórias mostrou-se ferramenta capaz de promover uma reflexão nas práticas docentes em suas diversas vertentes, por

exemplo, no processo de avaliação, na reflexão sobre o projeto político-pedagógico e até no entendimento de aspectos legais. Ao permitir o pensar imaginativo e criativo, as histórias – quem contou e quem ouviu – possibilitaram problematizar questões que envolvem as necessidades dos educandos e educadores, suscitando novas possibilidades, novas estratégias de ação.

É, portanto, partindo dessa prática que busco aprofundar a minha experiência da área, analisando autores e pensadores que dialogam sobre o processo de formação continuada, de maneira a pensar alternativas mais criativas para a composição de práticas docentes mais potentes com os meus pares.

Diante de mudanças sociais tão intensas, a formação continuada de professore(a)s, principalmente na educação infantil, primeira etapa da educação básica, precisa trazer em seu cerne a inquietação, a constante busca por inovações, por uma educação que se caracterize pela parceria, por lutas e engajamentos, em que o trabalho coletivo ganhe força e as práticas possam ser mais inventivas e potentes. A contação de histórias visa a explorar essa inventividade que, por vezes, deixamos de lado. Traz-nos à reflexão sobre alternativas para melhorarmos a práxis docente.

Refletir e reinventar, por meio do fazer pedagógico, com o outro, pelas leituras e formações continuadas que subsidiem a prática docente, é um caminho possível de possibilitar essa formação continuada de professore(a)s no contexto da escola pública. Essas reflexões alimentam nosso intuito de incorporar à formação de professores a prática de contação de histórias para os contextos pedagógicos como possibilidade de contribuição positiva nas práticas docentes na educação infantil da rede de ensino municipal.

6 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: VIVÊNCIA QUE PULSA EM MIM

Não existem sonhos impossíveis para aqueles que realmente acreditam que o poder realizador reside no interior de cada ser humano. Sempre que alguém descobre esse poder, algo antes considerado impossível se torna realidade.

Albert Einstein

Essa epígrafe me faz recordar os sonhos que sempre foram e ainda se manifestam latentes em mim: ser uma pessoa cada dia melhor e poder contribuir com o desenvolvimento humano.

Por vezes, pegava-me em devaneios em diversos tempos de minha vida pensando de que forma poderia contribuir para o crescimento das pessoas e esse anseio ainda pulsa em mim.

Comunicar, perguntar, viajar, falar, inventar, descobrir são verbos que povoam minha mente desde a infância. Ao refletir sobre essa epígrafe, penso no que me move, que me impulsiona; é a oportunidade de, com as histórias, a literatura e a cultura, poder proporcionar momentos de reflexão para mim e entre as pessoas. Essa experiência vivencio nas andanças pelas quais tenho experimentado a arte da contação de histórias.

Momentos cheios de memórias afetivas, de encontros com outros e conosco mesmos, de imersão em nossos sentimentos, reflexões, anseios, inquietações e devaneios que fazem tão bem à alma e ao coração, bem retratados por Arendt (2007, p. 31):

[...] a memória, que é apenas um dos modos do pensamento, embora dos mais importantes, é impotente fora de um quadro de referência preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo.

Acredito que esses momentos nos ajudam a construir nossa identidade e são como fragmentos bem explicitados por Gomes (2011, p. 9):

Em cada momento de nossas vidas, conhecemos, vivenciamos, compreendemos, amamos, sentimos e, por conseguinte, expressamos as particularidades que tais momentos (garantidos por um processo de solidificação de certos fragmentos) nos constituem e também constroem e desvelam quem nos tornamos; cristalizam-se concomitantes com nossas vicissitudes e são manifestos a partir de nossas produções. É como se cada

parte fosse um retalho; e cada retalho, parte de uma colcha, construindo, portanto, um objeto, uma colcha de retalhos.

Assim, tenho traçado minha trajetória de contadora de histórias, buscando juntar os fragmentos construídos ao longo da minha experiência nas escolas, formações de professores, saraus, reuniões, aniversários, congressos e seminários, enfim, ocasiões em que são reunidas pessoas que desejam viver momentos que elucidam a potência da humanidade, o encontro com saberes/conhecimentos adquiridos por gerações ao longo de suas existências.

Nesse sentido, a contação de histórias tem esse potencial acolhedor, envolvente e disseminador de práticas humanizadoras. Espero, neste capítulo, compartilhar um pouco dessa vivência tão ímpar e particularmente cheia de sentidos e significados. Descreverei e ensejo compreender vivências nas quais me sinto viva e me dão sentidos como uma contadora de histórias.

6.1 VIVÊNCIAS E INSTRUMENTOS DE TRABALHO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Contar histórias para mim é o mesmo que existir. Não há separação. Não há tempo, pois sinto viver histórias o tempo todo. Quando criança, e ainda agora, não conseguia me expressar sem dar detalhes, fazer caras e bocas, ter pensamentos viajantes. É difícil desmembrar essa arte do meu ser. Sempre vivi envolvida com o que me desperta curiosidade, o novo, o desconhecido, e também com o conhecido e contado/escrito por outros, os porquês, as ideias, os questionamentos que estão sempre presentes na vivência desta contadora de histórias.

Não sei ao certo como me tornei contadora de histórias, mas, quando esse desejo fluiu forte, disso, sim, eu me lembro: os rostinhos ávidos, o silêncio total reinou e a curiosidade estatelada nos olhos das crianças de uma creche que me ouviam quando fui apresentar um trabalho a pedido do professor do 6º período, quando ainda cursava Pedagogia (Fotografia 1).

Fotografia 1 – Contando histórias num Cmei



Fonte: Arquivo pessoal.

Naquele dia percebi que tudo tinha sentido, meu jeito falador, minha curiosidade, o prazer pela leitura e literatura e, principalmente, em ouvir os outros. Ah! Para ser um/a bom/boa contador/a de histórias é imprescindível gostar de ouvir os outros.

Daí em diante não parei mais. Sempre que um espaço me era oferecido para que eu pudesse contar uma história, já começavam a borbulhar as ideias e os pensamentos sobre a construção do que iria ser narrado, o público que ouviria, seus anseios, qual a melhor maneira de comunicação e que objetos utilizaria.

Dessa forma, fui percebendo que as vivências de contadora de histórias são diversas e ocupam espaços/tempos e públicos distintos produzindo resultados por vezes surpreendentes.

Nas escolas, em aniversários, espaços públicos, reuniões, formações de professores ou em um simples momento de conversa com um amigo, contar histórias provoca inúmeras sensações e nos proporciona um aconchego inigualável.

Somente praticando, contando aqui e acolá, aos poucos, fui aprendendo e criando meu repertório. Nele fui vivenciando essa arte encantadora, ora modificando os espaços, utilizando o que tinha na ocasião, os objetos concretos e, por vezes, imaginários que realmente trariam teia à trama da história, ora pensando no que os ouvintes gostariam de ouvir, qual o clima ideal para preparar o momento, qual voz deveria utilizar, o que usar para provocar impacto no início, como lidar com as possíveis intervenções/interrupções que sempre acontecem, como tocar os ouvintes de maneira a instigar a leitura, enfim, muitas ideias e experiências me forjaram e ainda o fazem pela minha trajetória de contadora de histórias.

Para isso, alguns personagens (Fotografias 2, 3, e 4) foram tomando forma e passando a ser um pouco da extensão desses momentos, como o Zé da Hora (que está sempre presente quando vem uma história), Chico Perguntador (adora perguntar, tudo quer saber) e Silencionildo – Nildo como prefere ser chamado – (vem para matar todos os mosquitinhos e deixar o ambiente sem nenhum barulho). Três personagens que aparecem para dar aquele toque de magia e encanto. É sinal que a história vai começar. O clima muda, já não estou neste mundo! O lúdico já tomou conta de mim.

Fotografia 2 – Zé da Hora



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 3 – Chico Perguntador



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 4 – Silencionildo



Fonte: Arquivo pessoal.

Como uma boa viajante, trago sempre minha mala (Mala d'Ajuda) que carrega vidas preciosas, Rutinha e Leo, meus fantoches preferidos que viajam comigo trazendo seus passaportes, é claro (Fotografia 5).

Fotografia 5 – Mala d'Ajuda e fantoches



Fonte: Arquivo pessoal.

Assim vou montando minhas histórias e compondo com os personagens que vão nascendo essa deslumbrante arte da contação de histórias.

Esses personagens e objetos concretos abrem janelas capazes de trazer a ludicidade ao espaço/tempo, fazendo com que o público interaja ao mesmo tempo em que ouve e se envolve com a história. Neste momento, remeto-me a Walter Benjamin, um estudioso e intrigado pelos brinquedos e pela literatura infantil no século XX. Benjamin (2002, p. 8) delineia sua vida de forma autêntica e fala sobre “experiência”: “E eis que agora essa palavra tornou-se um elemento de sustentação em muitas de minhas

coisas. Apesar disso, permaneci fiel a mim mesmo. Pois o meu ataque cindiu a palavra sem a aniquilar”.

Sinto-me assim. A história tem um lugarzinho especial em meu ser. É assim que quero continuar, como a rima de J.P. Wich, *Steckenpferd und Puppe* (Cavalinho de balanço e boneca), citado por Walter Benjamin em seu livro “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação” (2002, p. 72):

*Diante da cidadezinha está sentado um anãozinho,
Atrás do anãozinho há uma montanhinha,
Da montanhinha corre um riozinho,
Sobre o riozinho flutua um telhadinho,
Debaixo do telhadinho fica um quartinho,
No quartinho está sentado um menininho,
Atrás do menininho há um banquinho,
Em cima do banquinho está um armariozinho,
Dentro do armariozinho há uma caixinha,
Na caixinha encontra-se um ninhozinho,
Em frente ao ninhozinho está sentado um gatinho,
E assim eu quero guardar esse lugarzinho.*

Todos temos um lugarzinho especial que queremos guardar. Guardá-lo em sua inteireza, com a delicadeza de detalhes como a rima acima expressa. Essa é a potência que a contação de histórias possui. Possibilita ampliar esses detalhes em nossas experiências na vida e tem a capacidade de alavancar de dentro de nós esse lugarzinho que queremos reviver. Portanto, contar histórias é um misto de passado, presente e futuro que podem estar tão juntos que por vezes não os diferenciamos.

Vale ressaltar, também, que há *lugarzinhos* na alma dos quais muitas vezes não queremos nos recordar e a história pode também contribuir na compreensão de dores e angústias, pois nos transporta permitindo ajustes até mesmo inconscientes, possibilitando-nos desenvolver superação, resiliência. Trago aqui resiliência no sentido explorado por Gomes (2011, p. 37): “Das pesquisas sobre resiliência, Grotberg (2005) atenta para uma ampliação do conceito o qual muito mais do que enfrentamento pós-adversidade é a capacidade humana para sair transformado e fortificado depois do trauma [...]”. Gomes (2011, p. 37) ressalta também: “[...] a resiliência (des)vela-se de diversas formas, obviamente associada a subjetividade de cada um”.

Desse modo, tenho percebido que, diante dessa prática de contação de histórias, sentimentos diversos têm sido evocados, trazidos à tona e ao saírem se desvelam em

suas nuances buscando dar seus sentidos às experiências dos participantes, como aconteceu em uma das formações de professores na qual contei minha própria história apresentando meus brinquedos de infância (Fotografia 6).

Fotografia 6 – Objetos concretos



Fonte: Arquivo pessoal.

Uma professora, ao ver meu fogãozinho (chapa do fogão à lenha) e as panelinhas de alumínio, retorceu-se na cadeira e seus olhos lacrimejaram. Ao perceber que algo a havia tocado, como se atravessasse a alma, permiti-lhe que se manifestasse e ela relatou um sentimento de muita dor pelo pai, contando-nos que, quando era ainda criança, seu pai se separou da sua mãe e, em uma de suas visitas, levou três panelinhas de brinquedo de presente para as três filhas.

O pai, porém, disse, antes de entregá-las: “Darei a panelinha somente a quem me der um abraço”. Ela, então, preconizou ao nos contar: “Nunca o perdorei. Eu não o abracei, pois estava com muita raiva, e não ganhei minha panelinha. Ele a deu à minha outra irmã mais nova que o abraçou”.

Ouvi-a com muita empatia e dei continuidade ao processo da formação, sempre utilizando objetos concretos para explicitar o assunto que naquele momento era “a prática da ludicidade na educação infantil”. Após o término da formação, a professora me procurou e disse: “Professora, gostaria de lhe agradecer pelo momento tão especial de hoje. Percebi que, ao contar, revivi aquele momento de dor que me afligia há tanto tempo e agora é como se um peso tivesse sido tirado de mim”.

Experiências como essas são presenciadas em muitas das minhas práticas. O que me impulsiona a mergulhar nas inúmeras possibilidades que a contação de histórias

possui, além de acolher, despertar leitores, promulgar cultura, aprimorar conhecimentos e tantas outras contribuições que o contador de histórias carrega.

Destaco o conceito de contador de Tierno (2017, p. 20): “[...] o contador é aquele que ordena. Mas organiza o quê? Coloca em ordem os acontecimentos, experiências vividas, atribuindo um sentido ao vivido, ao experimentado”.

Assim, outros momentos foram marcando minhas andanças de contadora de histórias, dando sentidos-sentidos (um questionamento feito no início desta pesquisa) em diversos espaços/tempos, como em congressos, seminários e reuniões, inclusive durante o próprio decorrer desta pesquisa, sempre repletos de muita ludicidade (Fotografias 7 e 8).

Fotografia 7 – Participação com contação de histórias em seminário na Ufes



Fonte: Arquivo pessoal.

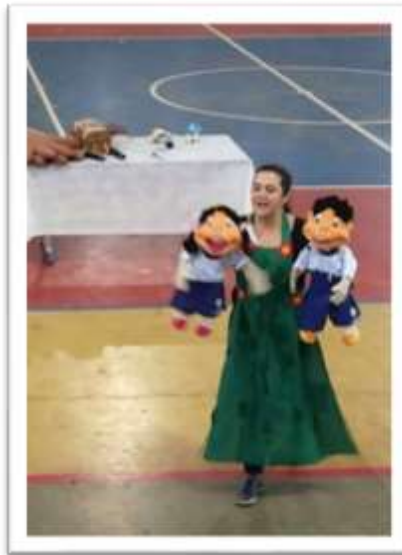
Fotografia 8 – Participação com contação de histórias em seminário num município



Fonte: Arquivo pessoal.

Seja numa quadra em evento para pais e crianças, seja numa sala em reunião de pedagogos, Rutinha e Leo – agora de uniformes – (Fotografias 9 e 10) exalam seus dotes musicais e encantam crianças pequeninas e grandonas – adultos com corações de criança...

Fotografia 9 – Evento aberto



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 10 – Reunião de pedagogos numa Secretaria Municipal



Fonte: Arquivo pessoal.

Encantamento que atravessou o mundo e, numa rica oportunidade na Jordânia, contei a clássica história do “Pequeno Príncipe” em um campo de crianças refugiadas da guerra na Síria. Uma experiência ímpar, ao ver rostinhos tão sofridos se abrirem a um largo sorriso ao final da narrativa e os pedidos para tocar os personagens (Fotografias 11, 12 e 13).

Fotografia 11 – O “Pequeno Príncipe” na Jordânia



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 12 – Apresentação com fantoche na Jordânia



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 13: Fantoques Rutinha e Leo na Jordânia



Fonte: Arquivo pessoal.

O ato de narrar nos proporciona o prazer de vivenciar momentos únicos de encontros que costumeiramente não usufruiríamos no cotidiano, como o sarau promovido pelo Polo de Educação a Distância (EAD/Ufes). Momentos de escuta, de partilha de

sentimentos por meio de descontração em que várias apresentações são feitas e há muita troca com outros artistas e contadores de histórias (Fotografia 14).

Fotografia 14 – Participação num sarau



Fonte: Arquivo pessoal.

Incontáveis foram as participações em formações de professores(as) e pedagogos(as), bem como em planejamentos coletivos que me fortaleceram nas práticas pedagógicas e na formação de minha identidade de contadora de histórias (Fotografias 15 e 16).

Fotografia 15 – Contação de histórias numa formação de rede municipal



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 16 – Contação de histórias por meio de literatura numa formação de rede municipal



Fonte: Arquivo pessoal.

Essas vivências e práticas com a contação de histórias têm sido delineadoras no cotidiano da minha trajetória e me fazem cada vez mais buscar aprimorar/conhecer potências de transformação humana pela via dessa arte tão encantadora.

Dessa forma, a pesquisa, fundamentada em estudos e livros que pudessem me ajudar nessa caminhada, tem sido um importante passo na construção dessa identidade e contribuído para o aprofundamento dos conhecimentos e melhoria sobre a prática de contação de histórias.

Devo dizer que essa prática, realizada, com o passar dos anos e enriquecida por muitas pesquisas sobre o tema, proporcionou-me maior conhecimento a partir da leitura de autores/as como: Betty Coelho, Fanny Abramovich, Vania Dohme e Bruno Bettelheim, que colaboraram significativamente em meu ser/sendo contadora de histórias. Nesse sentido, adicionaram às minhas práticas conceitos, aportes teóricos que trouxeram compreensão ao meu “instintivo”.

Outros autores também muito me influenciaram: Fabiano Moraes, com sua sensibilidade, aprimorou minha ludicidade na contação de contos; Lenice Gomes me ensinou a brincar com as palavras; Giuliano Tierno e Letícia Erdtmann ajudaram construir a contadora de histórias que sou hoje.

6.2 SENTIDOS-SENTIDOS DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Ao descrever um pouco da minha trajetória de contadora de histórias muitos sentidos-sentidos foram se desvelando como fragmentos de uma colcha de retalhos montada em minha mente. Aos poucos, as memórias desses momentos tão significativos e potentes tomaram corpo/ocupando lugares de organização, de ajustes, de entendimento da escolha por essa prática de contar histórias que abordarei agora.

Revivendo esses momentos de contação de histórias, muitas lembranças, memórias, sentimentos vêm à tona e produzem novos significados. Agora é hora do mergulho, de desvelar o que cada foto desperta em mim, numa compreensão a partir desse espaço/tempo.

[...] acreditamos que as apropriações imagéticas a partir do vivido nos geram sentidos, e toda a experiência é, acima de tudo, uma experiência de sentido, e dentro de toda experiência vivida existe uma apropriação individual do que é presenciado. Esse é o sentido-sentido (GOMES, 2008, p. 77).

Assim, mais que narrar contando histórias, percebi que estava contando para mim mesma, organizando, como fazem os contadores de histórias, colocando em ordem os fragmentos, os pedaços da colcha de retalhos da minha própria vida, buscando construir/reconstruir recortes de momentos vividos/experenciados, sofridos/superados de minha existência.

Percebi que me apropriei dessa linguagem, dessa cultura, como a cultura de humor citada por Gomes (2011, p. 38), com o mesmo ensejo:

[...] uma cultura de humor, que ajuda a nos entretermos desempenhando funções de alívio, de amparo psicológico e de possibilidade de aproximação entre as pessoas, sendo esta aproximação uma 'ponte' de relação entre o EU e o outro, que forma o NÓS.

De tal modo, compreendo, nas fotografias apresentadas, os desvelamentos de funções de alívio desempenhadas ao contar as histórias ou ao fazer uma leitura de um livro nos diversos espaços/tempos que descrevi.

A Fotografia 1 trouxe um conforto quando me encontrava no Curso de Pedagogia, que já estava quase terminando (6º período), e ainda não tinha me encontrado na profissão que estava prestes a exercer. Ao ver aqueles olhinhos brilhando buscando saciar a curiosidade do que viria na próxima página, os meus também se iluminaram.

Luz que, mantendo, emergindo o lúdico vivido por mim na infância em tempos tão difíceis, deu forma à construção do imaginário criativo por meio de personagens, como o Zé da Hora, o Chico Perguntador, o Silencionildo e a Mala d'Ajuda, com os meus fantoches apresentados nas Fotografias 2, 3, 4 e 5.

Quando criança, as situações da vida parecem ter uma força muito diferente de quando somos adultos. A imaginação pode nos ajudar a superar muitas dores. Foi assim que busquei, nesse imaginário, lidar com as dores vivenciadas na infância, como a separação dos meus pais, e desenvolvi um desejo de amar as pessoas e fazer bem àqueles que estão próximos a mim, sentimento bem descrito por Forghieri (2002, p. 5): “[...] isto levou-me, desde a infância, a tentar querer bem a outras pessoas e a me sentir perto delas”.

Sentimentos que foram instigadores na escolha da profissão de professora, conduzindo-me às reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem na educação infantil e elaborando práticas de ludicidade como forma de diálogo e rememoração de momentos experimentados na infância (Fotografias 6, 7 e 8).

Para Forghieri (2002, p. 17),

[...] o eu vive no mundo, mas não se encontra delimitado àquilo que vivencia no momento atual, pois pode, também, dirigir seu pensamento para o que já vivenciou anteriormente, assim como para as prospecções que faz em relação a coisas que tem a expectativa de vir a vivenciar.

Vivenciar esses momentos de narrativas e memórias a partir desta experiência sentida, da fruição das fotos, elenca-me compreensões da contadora de histórias que sou. Nesse sentido, devo expressar que reverbera dentro de mim uma frase de Antoine de Saint-Éxupéry que li ainda criança e da qual nunca mais me esqueci: “Sou um pouco de todos que conheci, um pouco dos lugares que fui, um pouco das saudades que deixei e sou muito das coisas que gostei”.

Ao visualizar as Fotografias 9 e 10 e constatar que o uso de fantoches pode levar alegria a esses ouvintes, percebo que seria trazê-la a mim mais do que a eles. A alegria é um sentimento muito procurado e muitas vezes esconde nossos choros, dores, angústias, medos, que não desejamos expor ao outro. Queremos, sim, “[...] ser resilientes e potencializar a resiliência do outro”, como expõe Gomes” (2011, p. 48).

Descrever a experiência das Fotografias 11, 12 e 13 é falar de experimentar a dor do outro por meio de um olhar. Lembro-me de que, ao ver aquelas crianças chegando ao espaço onde contaria a história, precisei buscar forças, pois seus olhos eram como se estivessem nos lançando estilhaços.

Eu era capaz de sentir suas tristezas. Muitas brincadeiras foram realizadas e quase não se via um sorriso, mas quando eu apareci vestida com a roupa de “Pequeno Príncipe”, saindo por trás de um painel azul cheio de estrelas e pássaros voando, pude sentir que elas eram ainda capazes de sorrir, mesmo diante das circunstâncias em que se encontravam.

Que sensação de potência pude perceber naquele momento da contação de histórias! A inércia deu lugar à atenção, à curiosidade, à possibilidade de viverem como crianças, pelo menos naquele momento em que estavam seguras no espaço (físico e imaginativo), quando lá fora haviam perdido tudo, saído de suas casas sem pegar sequer seus pertences.

Como descrever a sensação de vê-los, ao final da apresentação musical de Rutinha e Leo (fantoques)? Os sorrisos se abrirem e as filas foram se formando para tirar uma foto com eles. Momento de cuidado com o outro, de educar a dor do outro, como pontua Gomes (2015, p. 35):

[...] educar de tal forma que ele mesmo possa lidar com ela (a dor) positivamente, de caminhar em passos largos, apesar (e com) ela. E mais, que a dor apenas o purifique, tornando-o empoderado. Assim, lembrando o fragmento de Nietzsche: o que não mata fortalece.

A Fotografia 14 representa um espaço/tempo de alívio durante uma turbulência. Concomitantemente à doença de meu companheiro, que teve um grave Acidente Vascular Cerebral (AVC) num país do Continente Africano, vivenciando a angústia e incerteza em relação à sua vida, recebo o convite para recitar minha experiência de contação de histórias num sarau. Realizar meu ofício naquele espaço/tempo foi um sentido propulsor de vida em mim.

É preciso prosseguir. Assim a literatura (Fotografias 15 e 16) é como bálsamo trazendo a calma e mostrando caminhos para superar as turbulências da vida. Esse

sentimento é o que presenciei na leitura do livro de Bia Vilela, “O que é que tem no seu caminho?”, nesse momento de formação com pedagogos de uma rede municipal.

Ao ler para os outros, experiencio inúmeras situações pelas quais passo e sou capaz de, enquanto leio, refletir em quantos caminhos passamos, o que encontramos neles, o quanto aprendemos e, aos poucos, esses fragmentos vão se encaixando e me fazendo mais forte, mais resiliente às dificuldades e dores.

À medida que me dedico ao bem-estar do outro, ao mesmo tempo me empenho na minha própria realização, como registra Forghieri (2002, p. 2): “[...] dedicamo-nos ao bem-estar de nossos semelhantes, mas, ao mesmo tempo, nos empenhamos na nossa realização pessoal [...]”.

Ao rever esses momentos de outro lugar, de um outro espaço/tempo, e analisando os sentimentos que experimentei, bem como toda a minha trajetória descrita neste estudo, percebo o quanto a fenomenologia, como método de estudo, está imbricada em minha vivência. Acredito que isso se deu desde a infância, pois sempre fui uma observadora de tudo que se passava em minhas experiências e ao meu redor. Buscava interpretar os acontecimentos e o que os provocava, como se davam e o porquê.

Compartilhar com Forghieri (2002, p. 4):

A lembrança e reflexão a respeito das primeiras vivências que poderiam ter propiciado o meu encaminhamento para a Fenomenologia reportaram-me, espontaneamente, a uma época em que ainda não tinha o menor interesse pelo estudo de textos científicos: a minha infância. Recordo-me de que, desde criança, tive a preocupação de estar atenta e procurar compreender as minhas próprias experiências e as das pessoas importantes para mim [...].

No entanto, somente neste espaço-tempo, ao me debruçar nos livros e nessa modalidade de pesquisa, compreendo meu anseio pela compreensão das coisas. Entendo que o desejo de voltar às coisas mesmas é mais latente do que tinha observado e faço minhas as palavras de Forghieri (2002, p.5): “[...] tudo isso leva-me, hoje, a supor que, desde criança estive, de certo modo, voltada para refletir sobre a experiência vivida”. Esse entendimento se faz presente ao descrever minhas vivências com a contação de histórias.

Por último, devo expressar que pensar em como se dá essa prática pela via do estudo fenomenológico possibilitou-me compreender a potência que a contação de história possui, auxiliando no exercício de compreensão do outro, das relações de intercâmbio apontadas por Gomes (2015, p. 34), “[...] referimo-nos a um intercâmbio escuta(dor) que nos traz um eco e amparo no/do outro para nos levantarmos ‘purificados’ como EU e NÓS”.

Assim, a fenomenologia possui uma concepção de humanização e tem muito a contribuir para o(a) contador(a) de histórias, pois auxiliará na compreensão do existir, no ser sendo humano, nas vivências e práticas cotidianas que tanto são exploradas nos processos da prática de contação de histórias. Esse é o próximo passo que desejo dar a esta trajetória de pesquisadora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola atualmente tem passado por transformações relevantes, sobretudo com o avanço da tecnologia e o acesso por grande parte da população. Nestes tempos, as mudanças nos cotidianos das crianças também se modificaram consideravelmente e têm repercutido no espaço e na dinâmica escolar. Vivemos uma época de incerteza, na qual se delineiam distanciamentos do humano e de práticas essencialmente humanas, como o resgate de memórias e o exercício das narrativas.

Dessa forma, pensar no fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças na educação infantil tem sido uma preocupação de movimentos comunitários, de mulheres, trabalhadores e outros que, em frente a várias ações, culminaram na elaboração do documento norteador dessa etapa de ensino, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

Esse documento que orienta práticas docentes para a educação infantil ao se reportar à criança:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Entretanto, para que esse sujeito construa sua identidade, é mister que práticas pedagógicas capazes de proporcionar experiências significativas sejam desenvolvidas na educação infantil. A contação de histórias é um grande facilitador dessa vivência, uma vez que conta com a exploração da narrativa, imaginação, atenção, fantasia, do pensar individual e coletivo, da brincadeira, bem como da continuidade de saberes culturais adquiridos pela sociedade e, conseqüentemente, produtores de culturas. Saberes docentes que são diversos e plurais, como pontua Tardif (2002, p. 54): “[...] saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana”.

Essa pluralidade entre os diversos saberes adquiridos em formação, em conjunto com os saberes de origem e as relações que os professores estabelecem entre eles e as crianças, legitima o fazer docente.

Um destaque a esse documento norteador é quanto ao currículo que descreve como:

[...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2010, p. 12).

Outra descrição importante registrada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil versa sobre o respeito aos princípios éticos, políticos e estéticos, porém sobre este último quero destacar sua evidência na prática da contação de histórias. Assim descreve o documento a respeito dos princípios estéticos: “[...] da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2010, p. 16).

Princípios esses muito explorados na contação de histórias, em que crianças, professores(as) e todos que dela participam vivenciam a ludicidade seja na narrativa, seja num conto, seja na leitura de um livro. O ato de contar história tem o poder de explorar ao máximo a criatividade, a sensibilidade, contribuindo com a experimentação de diversas práticas de manifestações culturais.

A partir dessa concepção, este estudo pretendeu ser um acalento, um voltar ao que é essencial, que marca a cultura humana: a arte de narrar suas próprias vivências e experiências. Assim, escolhi me debruçar e me deleitar na arte da contação de histórias como provocações possíveis para se alcançar tal fim.

Nesse sentido, acredito que a contação de histórias tem importante papel como ferramenta potente que une ludicidade e criatividade, que pode servir como reinvenção de um saber/fazer pedagógico imbricado com práticas contextuais (etárias) que servem de pontes entre o(a)s professore(a)s e aluno(a)s dessa primeira etapa da educação básica.

8 PÓS-ESCRITO: A CONSTRUÇÃO DO PRODUTO A PARTIR DA PESQUISA

Não se faz pesquisa fenomenológica para intervir, mas é possível que seus dados/conclusões realizem transformações sobre a realidade.

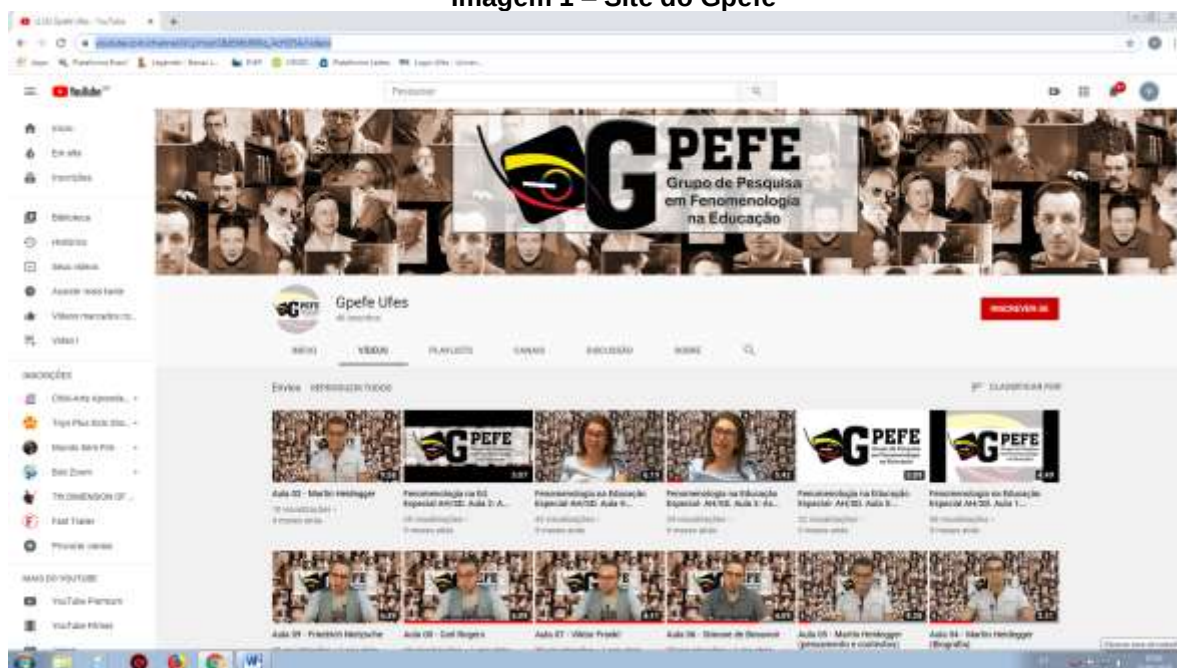
Vitor Gomes

Uma pesquisa fenomenológica não possui como intuito a intervenção, mas, sim, a compreensão dos fenômenos. Entretanto, dado o caráter interventivo do mestrado profissional, bem como a realização de uma prática coerente com o modo de ser desta modalidade de pesquisa, inserimos, de forma intencional, nossa proposta de intervenção como pós-escrito.

O intuito é apresentar que realizamos um estudo com início, meio e fim. Posteriormente, elaboramos este produto. Trata-se de uma derivação construída após sua conclusão. Espaço/tempo em que realizamos a construção de vídeos com temática educacional que une a fenomenologia à contação de histórias. A ideia de construção de videoaulas surgiu a partir dos encontros do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação (Gpefe) da Universidade Federal do Espírito Santo.

Nesse sentido, com o crescente uso de tecnologias nos tempos atuais, concebemos que sua construção favoreceria um maior alcance de pessoas, possibilitando o compartilhamento de nossas experiências com outro/a(s) profissionais. Considerando seu local de divulgação, compreendemos que sua melhor alocação seria na plataforma *youtube*, especificamente no canal de vídeos do Gpefe, espaço de acesso “universal” em que há outras produções do grupo. Dessa forma, para a visualização das videoaulas, é necessário acessar o endereço eletrônico: https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq_AcHD5A/videos.

Imagem 1 – Site do Gpefe



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq_AcHD5A/videos

O intuito é que os vídeos possam contribuir para a disseminação das concepções da fenomenologia e contação de histórias na educação. Além disso, no contexto de pandemia em que nos encontramos, compreendemos que tais videoaulas podem ofertar e favorecer orientações iniciais acerca do método fenomenológico na contação de histórias sem que indivíduos necessitem sair de casa para acessá-las.

Trata-se de uma série, intitulada **Fenomenologia e contação de histórias**, composta por quatro videoaulas. São conteúdos de curta duração cujo intuito é exclusivamente a apresentação de concepções iniciais sobre conceitos da fenomenologia e/ou contação de histórias.

A seguir a temática das videoaulas e suas sinopses.

Aula 1 – “Experiência de vida e ferramentas de trabalho”: realiza introdução sobre a fenomenologia e a contação de histórias destacando o lugar de fala, as experiências de vida de uma contadora de histórias e suas ferramentas de trabalho.

Aula 2 – “Escuta empática em Carl Rogers e suas contribuições na contação de histórias”: aborda a importância da escuta empática em Carl Rogers como possibilidade de contribuição na prática da contação de histórias.

Aula 3 – “Yolanda Cintrão Forghieri”: cita as contribuições das concepções da fenomenologia.

Aula 4 – “A fenomenologia na educação de Vitor Gomes”: apresenta as concepções do fenomenólogo e suas aproximações entre fenomenologia e educação.

Por último, evidenciamos que, para a construção dos roteiros das videoaulas, fizemos uso dos livros e pesquisas de Forghieri (2002), Gomes (2004, 2015), Rogers (1977, 1997), bem como utilizamos outros recursos, como poema e contação de história.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>. Acesso em: 1 maio 2019.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIM, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, 2010.
- COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2002.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERLIN, Meri Nadia Marques. **No balanço das redes dos contadores de histórias**: competência narrativa e competência em informação no século XXI. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19224>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- GOMES, Vitor. **A fenomenologia da resiliência**: teorias e histórias de vida. Curitiba: CRV, 2015.
- GOMES, Vitor. **O bom-humor de professores de uma escola especial e a comicidade que a corrompe**: uma “leitura-sentida a partir de Bergson”. 2008. 276 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Pedagógico.
- GOMES, Vitor. **Três formas de ser resiliente**: (des)velando a resiliência de adolescentes no espaço escolar. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.
- GOMES, Vitor. **Uma colcha de retalhos de sentidos e significações**: sobre inclusão, humor e a escola reflexiva. Vitória – ES: Clube de Autores, 2011.
- GOMES, Vitor; ALMEIDA, Doriedson Alves de; MACIEL JUNIOR, Edson. De jornada nas estrelas a Sophia: ensaio fenomenológico sobre a destituição do humano e suas imbricações educacionais. **Revista Exitus**, v. 1, n. 10, p. 1-25, 2018. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/725/425>. Acesso em: 12 jul. 2019.

HOLANDA, Adriano Furtado. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (org.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 41-64.

LARROSA- BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Injuí, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias**: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORAES, Fabiano. Das vozes que contam imagens aos olhares que reinventam palavras. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 11-17.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl Ransom; ROSENBERG, R. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU/Edusp, 1977.

ROGERS, Carl; ZIMMING, Fred. **Carl Rogers**. Tradução de Marcos Antônio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TIERNO, Giuliano. Ensaio com a praça pública ou sobre o conto nas cidades complexas. In: TIERNO, Giuliano; ERDTMANN, Letícia Liesenfeld (org.). **Narra-te cidade**: pensamentos sobre a arte de contar histórias hoje. São Paulo: A Casa Tombada, 2017.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS VIDEOAULAS



Roteiro de produção e apresentação das videoaulas

CARACTERES INICIAIS INSERIDOS EM CADA VIDEOAULA:

GPEFE APRESENTA

Série: **Fenomenologia e contação de histórias**

CARACTERES FINAIS INSERIDOS EM CADA VIDEOAULA:

Apresentação: Jannaina Calixto de Lima

Roteiro: Jannaina Calixto de Lima e Vitor Gomes

Direção: Vitor Gomes

Edição: Ygor Henrique

Apoio: Lagebes e Gpefe

UFES e Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação – GPEFE/UFES

Canal do GPEFE:

https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq_AcHD5A/videos

Aula 1 – Experiência de vida e ferramentas de trabalho

Olá, sou Jannaina Calixto de Lima, professora, assessora da educação infantil e contadora de histórias. Este é o vídeo introdutório da série de videoaulas intitulada: **Fenomenologia e contação de histórias**. Nesta aula falarei sobre minhas experiências de vida e ferramentas de trabalho.

Minha caminhada com a contação de histórias em termos profissionais se inicia nos processos formativos do município onde atuo e nos demais locais para os quais sou convidada a me apresentar. Em todos procuro trazer o lúdico como possibilidade adicional às práticas educativas. São momentos com contos literários, histórias diversas e poemas, que são utilizados com a finalidade de favorecer a imaginação e exploração da ludicidade de seus participantes.

Nesse sentido, é hora de apresentar algumas de minhas ferramentas de trabalho.

E, é claro, se estamos falando de contação de histórias, não poderia deixar de contar uma. Então, senta (ou melhor) continue sentado que lá vem a história...

Em meu repertório sempre trago alguns personagens que fazem parte das minhas andanças e confesso a vocês: não tive como deixá-los em casa.

Esse é o Zé da Hora, que aparece sempre acompanhado de uma boa história e de seus amigos, Chico Perguntador (curioso que só) e Silencionildo (mas ele gosta mesmo que o chamem de Nildo) sempre conclamando que, antes de se ouvir uma boa história, é preciso ouvir primeiro o som do coração.

A história de hoje é ...

Era uma vez uma garotinha que nasceu muito, mas muito miudinha e que cresceu (pouco), mas cresceu, e mesmo aos poucos se apaixonava pela vida, vida de roça, vida da cidade, vida do mundo que a intrigava.

Gostava de inventar as coisas, de imitar as pessoas, de sonhar ser um dia professora.

Na roça, nas rodas de conversa em volta da fogueira, ouvia atenta muitas histórias, que guardava na mente e no coração.

O tempo passou e a garotinha cresceu. Pouco, mas cresceu e saiu da roça (embora a roça não saísse dela) e veio para a capital.

Na cidade, encantou-se com as possibilidades, e o sonho virou realidade... Agora, professora, graduou-se e fez mestrado na universidade.

E as histórias? Ah! As histórias continuaram na mente e no coração...

Mas sozinha ela não continuou não! Ganhou novos amigos pelo caminho, que não a deixam na mão!

Escutar é preciso e o filósofo Carl Rogers lhe ensina escuta empática todo dia, na prática muito a auxilia.

Nas rodas de conversas com professores e professoras, ouvir histórias, suas narrativas e memórias, Walter Benjamin propõe sua importância e valia para as próximas gerações.

Yolanda Forghieri veio tocá-la direto no coração e mostrar-lhe a fenomenologia e sua vivência de sentidos, dando-lhe uma nova razão.

Para ajudá-la a compor esta história e as narrativas que entrelaçam as vidas de professores e professoras na pesquisa, Vitor Gomes dá o aviso... que redução e imersão é preciso.

Nas próximas aulas, apresentaremos esses novos amigos e algumas de suas ideias, sempre dentro deste clima. Até lá, um grande abraço. Tchau!

Aula 2 – Escuta empática em Carl Rogers e suas contribuições na contação de histórias

Olá, sou Jannaina Calixto de Lima: professora, assessora da educação infantil e contadora de histórias. Este vídeo faz parte da série de videoaulas intitulada: **Fenomenologia e contação de histórias**. Na aula de hoje abordarei a importância da escuta empática em Carl Rogers como possibilidade de contribuição na prática da contação de histórias.

Carl Rogers foi um filósofo e psicólogo humanista engajado nos processos de autocompreensão e desenvolvimento humano. Suas teorias foram aplicadas em muitas áreas do saber, como Administração, Medicina, Educação, Serviço Social e outras.

Suas concepções pontuam o valor de uma escuta baseada em empatia, quando deseja se colocar no lugar do outro, num envolvimento existencial com sua fala.

A escuta empática pauta-se pelo respeito e ausência de julgamentos, numa atitude compassiva pela vivência alheia, possibilitando, assim, um ambiente favorável a suas transformações e melhorias.

Trata-se de vivências sem intenção de apresentar respostas imediatas, mas, sim, escutar e compreender numa ação de zelo. Essa concepção é constituída a partir do entendimento de que uma escuta não diretiva oferta cuidado e promove (auto)entendimento e crescimento humano.

A escuta empática na contação de histórias

Então sinta que lá vem a história... Para dialogar com o tema de hoje, eu escolhi esta história para vocês... Faz parte de uma lenda indiana e chama-se: “A boneca de sal”.

Era uma vez uma boneca de sal que, após peregrinar por terras áridas, descobriu o mar e não conseguiu compreendê-lo. Então perguntou ao mar: “Quem é você?”

E o mar respondeu: “Sou o mar”.

“Mas o que é o mar?”, indagou a boneca.

E o mar respondeu: “O mar sou eu”.

“Não entendo, mas gostaria muito de entender. Como faço?”, disse a boneca de sal.

O mar respondeu: “Encoste em mim”.

Então, a boneca de sal timidamente encostou as pontas dos dedos do pé no mar. Sentiu que começava a entender, mas também percebeu que acabara de perder o pé, dissolvido na água.

“Mas, o que você fez?”, perguntou a boneca.

E o mar respondeu: “Eu te dei um pouco de entendimento e você me deu um pouco de você. Para entender tudo, é necessário dar tudo.”

Ansiosa pelo conhecimento, mas também com medo, a boneca de sal começou a entrar no mar. Quanto mais entrava e quanto mais se dissolvia, mais compreendia a enormidade do mar e da natureza, mas ainda faltava alguma coisa:

“Afinal, o que é o mar?”, indagou a boneca.

Então, foi coberta por uma onda. Em seu último momento de consciência individual, antes de diluir-se completamente na água, a boneca de sal ainda conseguiu dizer: “O mar... o mar sou eu!”.

“Ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver o nosso mundo refletido nos olhos do outro”. Carl Rogers

Espero que tenham gostado. Se quiserem conhecer mais sobre o teórico, vale ressaltar que temos aqui, no canal, outra aula sobre Rogers apresentada pelo professor Dr. Vitor Gomes. Até nossa próxima aula. Um beijo. Tchau!

Referências

FALCÃO, G. **A boneca de sal**: uma história sobre empatia. Site GFALCÃO, 2020. Disponível em: <https://www.gfalcao.com.br/post/abonecadesal>. Acesso em: 23 jun. 2020.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl Ransom; ROSENBERG, R. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU/Edusp, 1977.

ROGERS, Carl; ZIMMING, Fred. **Carl Rogers**. Tradução de Marcos Antônio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC).

Aula 3 – Yolanda Cintrão Forghieri

Olá, sou Jannaina Calixto de Lima: professora, assessora da educação infantil e contadora de histórias. Este vídeo faz parte da série de videoaulas intitulada: **Fenomenologia e contação de histórias**. Hoje falaremos sobre a fenomenóloga Yolanda Cintrão Forghieri.

Yolanda Cintrão Forghieri nasceu em Taquaritinga, interior de São Paulo, e é a caçula dos três filhos do casal Antônio Alves Cintrão e Donária Rodrigues Cintrão.

A autora destaca duas vocações importantes em sua vida derivadas da infância: o magistério e a terapia. Professora, porque, quando criança, contava histórias para as criancinhas e os primos em sua casa; e terapeuta devido ao convívio com sua mãe.

Nesse tempo, Yolanda percebia que sua mãe sofria de angústia e expressava medo de enlouquecer.

Diante disso, mesmo criança, criava situações para acalmá-la.

Quando cresceu, ensejou contribuir para o alívio do sofrimento humano. Conhecendo Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger e Buber, imergiu e se tornou referência na fenomenologia. Inferindo sobre sua identificação, extraímos a fala de seu livro “Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas” no qual expressa: a reflexão fenomenológica vai em direção ao “mundo da vida”, ao mundo da vivência cotidiana imediata, no qual todos nós vivemos.

Muitos são seus legados, mas enfatizo um conselho deixado por ela aos estudantes de Psicologia e aqui quero estender a todos nós da educação: *“Que eles, racionalmente, estudem aprofundadamente todas as teorias psicológicas, mas deixem que alguma ou algumas delas tenham eco em seu coração, porque, como*

dizia Pascal, lá longe, ele afirmava que ‘O coração tem razões que a própria razão desconhece’”.

Que bela história, né?

Para os que quiserem conhecer mais sobre a autora, sugiro a leitura e visualização dos materiais que nos auxiliaram na elaboração deste vídeo. São eles: o livro “Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas” e a entrevista: “Contribuição pessoal para uma perspectiva psicológica da fenomenologia – Yolanda Cintrão Forghieri”, disponível no link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=RKrZMmGXNLI>

As compreensões de Yolanda Cintrão Forghieri nos ensinam uma fenomenologia humanista, existencialista e do cuidado com o outro. Espero que tenham gostado. Até nossa próxima aula. Tchau!

Referências

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 2002.

HOLANDA, Adriano Furtado. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (org.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 41-64.

Aula 4 – A fenomenologia na educação de Vitor Gomes

Olá, sou Jannaina Calixto de Lima: professora, assessora da educação infantil e contadora de histórias. Este vídeo faz parte da série de videoaulas intitulada: **Fenomenologia e contação de histórias**. Hoje falaremos sobre a fenomenologia na educação de Vitor Gomes.

Vitor Gomes é fenomenólogo com produções a partir do início do século XXI. É professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e autor de diversos livros. Suas teorias trazem aproximações entre a fenomenologia e a educação.

Muito engajado em teorias humanistas, existencialistas e nos estudos fenomenológicos, frequentemente usando linguagem literária, o teórico é influenciado por Nietzsche, Merleau-Ponty, Rogers, Frankl e Forghieri.

Suas principais contribuições versam sobre uma fenomenologia da resiliência e da educação especial a partir de um viés transdisciplinar.

Compreende a fenomenologia como perspectiva, pensamento que tem como objetivo o desnudamento das essências não estáticas observadas a partir de um tempo e espaço também não estáticos. Sua compreensão está intrinsicamente ligada ao seu entendimento do que é humano, ao sentido das coisas, ao fenômeno. Daí sua valorização pelo que o outro traz em si, dando valor e significado às vivências, em suas diversas formas.

O teórico ressalta em seu livro “A fenomenologia da resiliência: teorias e histórias de vida”, que como passo inicial de uma pesquisa fenomenológica, “[...] é necessário mergulhar nas origens das coisas, dos nomes, das pessoas com o intuito de desvelar suas essências” (GOMES, 2015, p. 68).

E acrescenta: “[...] a fenomenologia, como método, é uma forma de fazer ciência que compreende a humanidade/humanização de uma pesquisa científica, sendo influenciada pelos múltiplos aspectos que constituem a formação e percepção do pesquisador (GOMES, 2004, p. 57).

Gomes propõe que, em busca de uma suspensão ainda que relativa, uma pesquisa fenomenológica, em seu primeiro momento, deve realizar a descrição literal das vivências para, posteriormente, buscar sua compreensão. Esses passos procedimentais contribuem para a experiência do fenômeno tal como ele se mostra no que é visível, na existência.

Para os que desejarem conhecer a sua fenomenologia na educação e/ou a transdisciplinar, recomendamos a leitura de seus livros: “A fenomenologia da resiliência: teorias e histórias de vida” e “Uma colcha de retalhos de sentidos e significações”.

Seguem alguns links nos comentários para os que desejarem ler alguns de seus artigos.

Esta foi nossa videoaula final sobre os autores e pesquisadores que fazem parte da minha história. Espero que tenham gostado. Um beijão e até breve.

Referências

GOMES, Vitor. **A fenomenologia da resiliência**: teorias e histórias de vida. Curitiba: CRV, 2015.

GOMES, Vitor. **O bom-humor de professores de uma escola especial e a comicidade que a corrompe**: uma “leitura-sentida a partir de Bergson”. 2008. 276 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Pedagógico, Vitória, 2008.

GOMES, Vitor. **Três formas de ser resiliente**: (des)velando a resiliência de adolescentes no espaço escolar. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

GOMES, Vitor. **Uma colcha de retalhos de sentidos e significações**: sobre inclusão, humor e a escola reflexiva. Vitória – ES: Clube de Autores, 2011.

GOMES, Vitor; ALMEIDA, Doriedson Alves de; MACIEL JUNIOR, Edson. De jornada nas estrelas a Sophia: ensaio fenomenológico sobre a destituição do humano e suas imbricações educacionais. **Revista Exitus**, v. 1, n. 10, p. 1-25, 2018. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/725/425>. Acesso em: 12 jul. 2019.

